

Catequese do Papa Francisco sobre Abraão e a esperança

Audiência Geral de 29 de março de 2017

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O trecho da Carta de São Paulo aos Romanos que acabamos de ouvir nos dá um grande presente. De fato, estamos habituados a reconhecer em Abraão o nosso pai na fé; hoje, o Apóstolo nos faz compreender que Abraão é para nós pai na esperança; não somente pai da fé, mas pai na esperança. E isso porque no seu relato podemos já colher um anúncio da Ressurreição, da vida nova que vence o mal e a própria morte.



No texto se diz que Abraão acredita no Deus “que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que não existem” (Rm 4, 17); e depois precisa: “Ele não vacilou na fé, mesmo vendo já como morto o próprio corpo e morto o seio de Sara” (Rm 4, 19). Bem, esta é a experiência que somos chamados a viver também nós. O Deus que se revela a Abraão é o Deus que salva, o Deus que faz sair do desespero e da morte, o Deus que chama à vida. Na história de Abraão tudo se torna um hino ao Deus que liberta e regenera, tudo se torna profecia. E o torna para nós, para nós que agora reconhecemos e celebramos o cumprimento de tudo isso no mistério da Páscoa. Deus, de fato, “ressuscitou Jesus dos mortos” (Rm 4, 24), para que também nós possamos passar Nele da morte à vida. E realmente, então, Abraão pode muito bem ser chamado “pai de muitos povos”, enquanto resplandece como anúncio de uma humanidade nova – nós! – resgatada por Cristo do pecado e da morte e introduzida de uma vez por todas no abraço do amor de Deus.

Neste ponto, Paulo nos ajuda a colocar em foco o laço estreitíssimo entre a fé e a esperança. Ele de fato afirma que Abraão “acreditou, firme na esperança contra toda esperança” (Rm 4, 18). A nossa esperança não se rege por raciocínios, previsões e seguranças humanas; e se manifesta lá onde não há mais esperança, onde não há mais nada em que esperar, justamente como acontece com Abraão, diante de sua morte iminente e da esterilidade da mulher Sara. Aproximava-se o fim para eles, não podiam ter filhos e naquela situação Abraão acreditou e teve esperança contra toda esperança. E isso é grande! A grande esperança se enraíza na fé, e justamente por isso é capaz de seguir além de toda esperança. Sim, porque não se baseia na nossa palavra, mas na Palavra de Deus. Também neste sentido, então, somos chamados a seguir o exemplo de Abraão, que, mesmo diante da evidência de uma realidade que parece destinada à morte, confia em Deus, “plenamente convencido de que o que ele havia prometido também era capaz de cumprir” (Rm 4, 21). Eu gostaria de fazer uma pergunta a vocês: nós, todos nós, estamos convencidos disso? Estamos convencidos de que Deus nos quer bem e que tudo aquilo que nos prometeu está disposto a cumprir? Mas, padre, quanto devemos pagar por isso? Há somente um preço: “abrir o coração”. Abram seus corações e esta força de Deus vos levará adiante, fará coisas milagrosas e vos ensinará o que é a esperança. Este é o único preço: abrir o coração à fé e Ele fará o resto.

Este é o paradoxo e ao mesmo tempo o elemento mais forte, mais alto da nossa esperança! Uma esperança baseada sobre uma promessa que, do ponto de vista humano, parece incerta e imprevisível, mas que não diminui nem diante da morte, quando quem promete é o Deus da Ressurreição e da vida. Não é qualquer um que promete! Aquele que promete é o Deus da Ressurreição e da vida.

Queridos irmãos e irmãs, peçamos hoje ao Senhor a graça de permanecermos fundados não tanto sobre as nossas seguranças, sobre as nossas capacidades, mas sobre a esperança que decorre da promessa de Deus, como verdadeiros filhos de Abraão. Quando Deus promete, cumpre o que prometeu. Nunca falta à sua palavra. E então a nossa vida assumirá uma luz nova, na consciência que Aquele que ressuscitou o seu Filho ressuscitará também a nós e nos tornará realmente uma só coisa com Ele, junto a todos os nossos irmãos na fé. Nós todos acreditamos. Hoje estamos todos na praça, louvamos ao Senhor, cantaremos o Pai Nosso, depois receberemos a bênção...Mas isso passa. Mas essa é também uma promessa de esperança. Se hoje temos o coração aberto, asseguro-vos que todos nós nos encontraremos na praça do céu que nunca passa. Essa é a promessa de Deus e esta é a nossa esperança, se nós abrimos os nossos corações. Obrigado.

Catequese do Papa sobre a esperança ante o sofrimento do homem

Audiência geral, dia 05 d abril de 2017

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A Primeira Carta do Apóstolo Pedro leva em si um encargo extraordinário! É preciso lê-la uma, duas, três vezes para entender este encargo extraordinário: pode infundir grande consolo e paz, fazendo perceber como o Senhor está sempre próximo a nós e não nos abandona nunca, sobretudo nos momentos mais delicados e difíceis da nossa vida. Mas qual é o “segredo” desta Carta, e de modo particular do trecho que acabamos de ouvir (cfr 1Ped 3, 8-17)? Esta é uma pergunta. Sei que vocês hoje pegarão o Novo Testamento, procurarão a primeira Carta de Pedro e a lerão devagar, para entender o segredo e a força desta Carta. Qual é o segredo desta Carta?



1. O segredo está no fato de que este escrito tem suas raízes diretamente na Páscoa, no coração do mistério que estamos para celebrar, fazendo-nos, assim, perceber toda a luz e a alegria que surgem da morte e ressurreição de Cristo. Cristo está realmente ressuscitado e esta é uma bela saudação para nos dar no dia da Páscoa: “Cristo ressuscitou! Cristo ressuscitou!”, como tantos povos fazem. Recordar-nos que Cristo ressuscitou, está vivo entre nós, está vivo e habita em cada um de nós. É por isso que São Pedro nos convida com força a adorá-Lo nos nossos corações (cfr v. 16). Ali o Senhor fez morada no momento do nosso Batismo e dali continua a renovar a nós e a nossa vida, com o seu amor e a plenitude do Espírito. Eis porque, então, o apóstolo nos recomenda darmos razão da esperança que está em nós (cfr v. 16): a nossa esperança não é um conceito, não é um sentimento, não é um telefone, não é uma pilha de riquezas! A nossa esperança é uma Pessoa, é o Senhor Jesus que reconhecemos vivo e presente em nós e nos nossos irmãos, porque Cristo ressuscitou. Os povos eslavos, quando se saúdam, em vez de dizer “bom dia”, “boa noite”, nos dias de Páscoa se saúdam com isso “Cristo ressuscitou!”, “Christos voskrese!”, dizem entre eles; e são felizes por dizê-lo! E este é o “bom dia” e a “boa noite” que se dão: “Cristo ressuscitou!”.

2. Compreendemos, então, que esta esperança não deve ser levada tanto em conta em nível teórico, em palavras, mas sobretudo com o testemunho de vida, e isso seja dentro da comunidade cristã, seja fora dela. Se Cristo está vivo e mora em nós, no nosso coração, então devemos também deixar que se torne visível, não escondê-lo, e que aja em nós. Isso significa que o Senhor Jesus deve se tornar sempre mais o nosso modelo: modelo de vida e que nós devemos aprender a nos comportarmos como Ele se comportou. Fazer o que Jesus fazia. A esperança que mora em nós, portanto, não pode permanecer escondida dentro de nós, do nosso coração: mas, seria uma esperança frágil, que não tem a coragem de sair e fazer-se ver; mas a nossa esperança, como evidencia o Salmo 33 citado por Pedro, deve necessariamente externar-se, tomando a forma delicada e inconfundível da doçura, do respeito e da bondade para com o próximo, chegando até mesmo a perdoar quem nos faz mal. Uma pessoa que não tem esperança não consegue perdoar, não consegue dar o consolo do perdão e ter o consolo de perdoar. Sim, porque assim fez Jesus e assim continua a fazer através daqueles que lhe dão espaço em seu coração e em sua vida, na consciência de que o mal não se vence com o mal, mas com a humildade, a misericórdia e a mansidão. Os mafiosos pensam que o mal pode ser vencido com o mal e assim fazem vingança e tantas coisas que todos sabemos. Mas não sabem o que é humildade, misericórdia e mansidão. E por quê? Porque os mafiosos não têm esperança. Pensem nisso.

3. Eis porque São Pedro afirma que “é melhor sofrer fazendo o bem que fazendo o mal” (v. 17): não quer dizer que é bom sofrer, mas que, quando sofremos pelo bem, estamos em comunhão com o Senhor, que aceitou sofrer e ser colocado na cruz para a nossa salvação. Quando, então, também nós, nas situações menores ou maiores da nossa vida, aceitamos sofrer pelo bem, é como se semeássemos em volta de nós sementes de ressurreição, sementes de vida, e fizessemos resplandecer na escuridão a luz da Páscoa. É por isso que o Apóstolo nos exorta a responder sempre “desejando o bem” (v. 9): a benção não é uma formalidade, não é só um sinal de cortesia, mas é um grande dom que nós primeiro recebemos e temos a possibilidade de partilhar com os irmãos. É o anúncio do amor de Deus, um amor imenso, que não termina, que não diminui e que constitui o verdadeiro fundamento da nossa esperança.

Queridos amigos, compreendamos também porque o Apóstolo Pedro nos chama “felizes”, quando devêssemos sofrer pela justiça (cfr v. 13). Não é somente por uma razão moral ou ascética, mas é porque toda vez que nós tomamos parte dos últimos e dos marginalizados ou que não respondemos ao mal com o mal, mas perdoando, sem vingança, perdoando e bendizendo, toda vez que fazemos isso nós

resplandecemos como sinais vivos e luminosos de esperança, tornando-nos, assim, instrumento de consolação e de paz, segundo o coração de Deus. E assim seguimos adiante com a doçura, a mansidão, o ser amável e fazendo o bem também àqueles que não nos querem bem, ou nos fazem mal. Adiante!

VISITA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO A CARPI E MIRANDOLA
ENCONTRO COM AS POPULAÇÕES ATINGIDAS PELO TERRAMOTO
DISCURSO DO SANTO PADRE

Praça da Catedral, Mirandola, V domingo de Quaresma, 2 de abril de 2017

Queridos irmãos e irmãs!

Nesta vossa cidade, na qual ainda são visíveis os sinais de uma provação muito dura, desejo abraçar vós e os habitantes das outras localidades atingidas pelo terramoto em maio de 2012. Já o meu venerado Predecessor, Bento XVI, poucas semanas depois do **evento veio trazer a este território** a solidariedade e o encorajamento seu pessoal e da inteira Comunidade eclesial. Hoje estou entre vós para vos confirmar o afeto de toda a Igreja e para testemunhar a cada um a minha proximidade e o meu encorajamento para o caminho que ainda resta a percorrer na reconstrução. Dirijo uma cordial saudação ao Pastor desta Diocese, D. Francesco Cavina, ao Pároco e aos outros sacerdotes, ao Presidente da Câmara municipal e às demais autoridades. Renovo o apreço à Proteção Civil, aos voluntários e a quantos estão comprometidos, a diversos níveis, nas atividades de restabelecimento das estruturas e de retomada da vida comunitária.

Sei bem quanto o sismo comprometeu o património humano e cultural desta vossa terra. Penso no mal-estar que suportastes: nas feridas às casas, às atividades produtivas, às Igrejas e a outros monumentos, cheios de história e de arte e símbolo da espiritualidade e da civilização de todo um povo. Mas penso sobretudo nas feridas interiores: o sofrimento de quem perdeu os seus entes queridos e de quem viu dispersar-se os sacrifícios de uma vida inteira. Nos dias seguintes ao sismo, suscitou grande admiração em todos o testemunho de dignidade e de empreendimento que demonstrastes. Esforçastes-vos por enfrentar com espírito evangélico a situação precária causada pelo sismo, reconhecendo e aceitando nos eventos dolorosos a presença misteriosa de um Pai que é sempre amoroso até nas provações mais difíceis. As feridas foram curadas, sim, foram curadas. Mas as cicatrizes permanecem e permanecerão por toda a vida. E olhando para estas cicatrizes, tende a coragem de crescer e fazer crescer os vossos filhos naquela dignidade, naquela fortaleza, naquele espírito de esperança, naquela coragem que tivestes no momento das feridas.

Os meus votos são de que nunca faltem a força de ânimo, a esperança e os dotes de laboriosidade que vos distinguem. Permaneça firme a vossa intenção de não ceder ao desânimo face às dificuldades que ainda perduram. De facto, foi feito muito na obra de reconstrução mas é importante como nunca um compromisso decidido para recuperar também os centros históricos: eles são os lugares da memória histórica, espaços indispensáveis da vida social e eclesial. Estou certo de que não faltará a boa vontade, por parte de todos os agentes concernidos, para que seja garantida a realização rápida destes trabalhos necessários, para o bem comum.

Diante da vossa Catedral, lugar símbolo da fé e da tradição deste território e gravemente danificada pelo terramoto, elevo convosco uma fervorosa oração ao Senhor pelas vítimas do sismo, pelos seus familiares e por quantos ainda hoje vivem em situações precárias. O Senhor faça sentir a cada um de vós o seu amparo! Quis colocar, em cima do altar da Catedral, um ramo de flores em memória daqueles que nos deixaram por causa do terramoto.

Queridos irmãos e irmãs, daqui a duas semanas celebraremos a Páscoa de Ressurreição. A força do Senhor ressuscitado ampare o vosso compromisso de completar a reconstrução e anime a vossa esperança. A Virgem Maria e os vossos Santos protetores obtenham do Senhor força para as pessoas ainda provadas; obtenham luz e força para as mentes e os corações a fim de que se possa realizar depressa o que é expetativa de todos. Agradeço-vos: agradeço-vos o exemplo que destes a toda a humanidade, o exemplo de coragem, de ir em frente, de dignidade. Concedo de coração a minha Bênção a vós aqui reunidos e à inteira população.

[Bênção]

E por favor, peço-vos que rezeis por mim. Obrigado.

VISITA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO A CARPI E MIRANDOLA

ANGELUS - V domingo de Quaresma, 2 de abril de 2017

APELOS

Estou profundamente entristecido devido à tragédia que atingiu a Colômbia, onde um gigantesco deslizamento de terra, causado por chuvas torrenciais, investiu a cidade de Mocoa, causando numerosos mortos e feridos. Rezo pelas vítimas e garanto a minha e vossa proximidade a quantos choram a perda dos próprios queridos, e agradeço a quantos estão empenhados a prestar socorro.

Continuam a chegar notícias de sanguinolentos conflitos armados na região de Kasai na República Democrática do Congo, confrontos que estão a causar vítimas e evacuações e que atingem também pessoas e propriedades da Igreja: igrejas, hospitais, escolas... Garanto a minha proximidade a esta nação e exorto todos a rezar pela paz, a fim de que os corações dos artífices destes crimes não permaneçam escravos do ódio e da violência, porque o ódio e a violência só destroem.

Além disso, sigo com grande atenção o que está a acontecer na Venezuela e no Paraguai. Rezo por aquelas populações, que me são muito queridas, e convido todos a perseverar incansavelmente, evitando qualquer violência, na busca de soluções políticas.

Amados irmãos e irmãs!

Desejo agradecer-vos por terdes vindo aqui, a esta Missa. Quero agradecer a todos, a todos os que trabalharam para esta dupla «maratona»: no domingo passado [para a inauguração da Catedral restaurada] e neste. Muito obrigado! E gostaria de agradecer a vós, doentes. Estão aqui 4.500 doentes! Obrigado a vós, que com os vossos sofrimentos ajudais a Igreja, ajudais a carregar a Cruz de Cristo. Obrigado! Muito obrigado!

E no **final desta celebração**, o nosso pensamento dirige-se à Virgem Santa, que venerais na igreja catedral a ela dedicada. A Maria ofereçamos as nossas alegrias, os nossos sofrimentos e as nossas esperanças. Peçamos-lhe que volte o seu olhar misericordioso sobre quantos se encontram no sofrimento, sobretudo os doentes, os pobres e quem está privado de um trabalho digno.

Recordando o fervor apostólico de duas figuras leigas da vossa terra, o Beato Odoardo Focherini e a Venerável Marianna Saltini, testemunhas da caridade de Cristo, saúdo-vos com gratidão, fiéis leigos. Encorajo-vos a ser protagonistas da vida das vossas comunidades, em comunhão com os vossos sacerdotes: apostai sempre naquilo que é essencial no anúncio e no testemunho do Evangelho.

Agradeço-te, querido bispo Francesco, e a todos vós, Bispos da Região da Emília-Romanha, pela vossa presença, e sobretudo ao Pastor desta diocese, D. Francesco Cavina: exorto-vos a estar ao lado dos vossos sacerdotes com a escuta, a ternura e a proximidade solícita.

Por fim, gostaria de agradecer a todos e a cada um de vós, queridos fiéis, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, às Autoridades e de modo especial a quantos colaboraram para organizar esta visita, com um pensamento particular à Agesci e ao coro, composto por todos os corais da diocese, que animou esta liturgia. Recomendemos a nossa vida e o destino da Igreja e do mundo a Maria, recitando juntos a oração do *Angelus*.

VISITA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO A CARPI E MIRANDOLA

SANTA MISSA

HOMILIA DO SANTO PADRE

Praça dos Mártires (Carpi), V domingo de Quaresma, 2 de abril de 2017

As Leituras de hoje falam-nos do Deus da vida, que vence a morte. Analisemos em particular o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro.

Ali tudo parece ter acabado: o túmulo está fechado com uma grande pedra; em volta, unicamente pranto e desespero. Também Jesus está abalado pelo mistério dramático da perda de uma pessoa querida: «Comoveu-se profundamente» e ficou «muito perturbado» (Jo 11, 33). Depois «desatou a chorar» (v. 35) e foi ao sepulcro, diz o Evangelho, «mais uma vez profundamente comovido» (v. 38). É assim o coração de Deus: distante do mal mas próximo de quem sofre; não faz desaparecer o mal magicamente, mas compadece-se com o sofrimento, o faz seu e o transforma habitando nele.

Contudo observamos que, no meio da desolação geral pela morte de Lázaro, Jesus não se deixa levar pelo desânimo. Mesmo sofrendo Ele também, pede que se creia firmemente; não se fecha no choro, mas, comovido, põe-se a caminho do sepulcro. Não se deixa capturar pelo ambiente emotivo e resignado que o circunda, mas reza com confiança e diz: «Pai, dou-te graças» (v. 41). Assim, no mistério do sofrimento, face ao qual o pensamento e o progresso colidem como as moscas contra o vidro, Jesus oferece o exemplo de como nos devemos comportar: não evita o sofrimento, que faz parte desta vida, mas também não se deixa aprisionar pelo pessimismo.

Em volta deste sepulcro, acontece portanto um grande *encontro-desencontro*. Por um lado há a grande *desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que, atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro. Mas por outro há a *esperança* que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. Ele não leva um pouco de bem-estar ou algum remédio para prolongar a vida, mas proclama: «*Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá*» (v. 25). Por isso diz decididamente: «Tirai a pedra!» (v. 39) e clamou a Lázaro com grande voz: «Sai!» (v. 43).

Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, remove os destroços e reconstrói com esperança paciente.

Face aos grandes «porquês» da vida temos dois percursos: ficar a olhar melancolicamente para os sepulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue superar. Encontremos hoje estes nossos pequenos sepulcros que temos dentro e convidemos *para ali* Jesus. É estranho, mas muitas vezes preferimos estar sozinhos nas grutas escuras que temos dentro, em vez de convidar para lá Jesus; somos tentados a procurar sempre a nós próprios, cismando e caindo na angústia, lambendo as nossas chagas, em vez de ir ter com Ele, que diz: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei» (Mt 11, 28). Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a *atmosfera do sepulcro*; ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n'Ele, da *ressurreição* do coração, o caminho do «Levanta-te! Levanta-te, sai!». Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer.

Sentimos então dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: «Sai!»; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança; desata as ligaduras do medo que impedem o caminho; aos laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam, repete que Deus desfaz os nós. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar *uma nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus, que é a ressurreição e a vida: com ele a glória habita o coração, a esperança renasce, o sofrimento transforma-se em paz, o temor em confiança, a provação em oferta de amor. E mesmo se os pesos não faltarem, haverá sempre a sua mão que alivia, a sua Palavra que encoraja e diz a todos nós, a cada um de nós: «Sai! Vem a mim!». Diz a todos nós: «Não tenhais medo».

Também a nós, hoje como naquela época, Jesus diz: «Tirai a pedra!». Por muito pesado que seja o passado, grande o pecado, muita a vergonha, nunca fechemos a entrada ao Senhor. Tiremos diante dele aquela pedra que impede que Ele entre: este é o tempo favorável para remover os nossos pecados, o nosso apego às vaidades mundanas, o orgulho que nos bloqueia a alma, tantas inimizades entre nós, nas famílias... Este é o momento favorável para remover todas estas coisas.

Visitados e libertados por Jesus, peçamos a graça de ser *testemunhas de vida* neste mundo que dela está sedento, testemunhas que suscitem e ressuscitem a esperança de Deus nos corações cansados e oprimidos pela tristeza. O nosso anúncio é a alegria do Senhor vivo, que ainda hoje diz, como a Ezequiel: «Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó meu povo» (Ez 37, 12).

-----.

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO À COMUNIDADE DO COLÉGIO ESPANHOL DE SÃO JOSÉ EM ROMA, Sala Clementina, sábado, 1º de abril de 2017

Caros irmãos e irmãs!

Desejo transmitir a minha saudação a toda a comunidade do Pontifício Colégio Espanhol de São José, e agradecer ao Senhor Cardeal Ricardo Blásquez Pérez as amáveis palavras que, como Patrono do Colégio, me dirigiu em nome de todos nesta comemoração. Dou graças a Deus pela bonita obra instituída pelo Beato Manuel Domingo y Sol, fundador da Fraternidade dos Sacerdotes Operários Diocesanos do Sagrado Coração de Jesus, e pelo trabalho levado a cabo ao longo de todos estes anos.

Esta Instituição nasceu com a vocação de ser um ponto de referência para a formação do clero. Formar-se pressupõe a capacidade de se aproximar do Senhor com humildade e de lhe perguntar: qual é a tua vontade, o que queres de mim? Conhecemos a resposta, mas talvez nos faça bem recordá-la, e portanto proponho-vos as três palavras do *Shemá* com que Jesus respondeu ao levita: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma... com todas as tuas forças» (*Mc* 12, 30).

Amar com todo o coração significa fazê-lo sem reservas e sem ambiguidades, sem falsos interesses e sem se procurar a si mesmo no sucesso pessoal ou na carreira. A caridade pastoral pressupõe que se vá ao encontro do próximo, compreendendo-o, aceitando-o e perdoadando-o de todo o coração. Nisto consiste a caridade pastoral.

Mas não é possível crescer sozinho nesta caridade. Foi por isso que o Senhor nos chamou a ser uma comunidade, de tal modo que a caridade una todos os presbíteros com um vínculo especial, no ministério e na irmandade. Por isso é necessária a ajuda do Espírito Santo, mas também a luta espiritual pessoal (cf. *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, n. 87). Isto não passou de moda mas continua a ser atual, como nos primórdios da Igreja. Trata-se de um desafio permanente para superar o individualismo e viver a diversidade como uma dádiva, procurando a unidade do presbitério, que é sinal da presença de Deus na vida da comunidade. O presbitério que não mantiver a unidade, na realidade expulsa Deus do próprio testemunho. Não dá testemunho da presença de Deus. Rejeita-o. Deste modo, congregados em nome do Senhor, de maneira particular quando celebrais a Eucaristia, manifestais inclusive sacramentalmente que Ele é o amor do vosso coração.

Segundo: *amar com toda a alma* quer dizer estar disposto a oferecer a própria vida. Esta atitude deve persistir ao longo do tempo, comprometendo todo o nosso ser. Assim o propunha o fundador do Colégio: «[Senhor] ofereço-te e ponho à tua disposição o meu corpo, a minha alma, a minha memória, a minha inteligência, a minha vontade, a minha saúde e até a minha própria vida» (*Escritos* III, vol. 6, doc. 111, pág. 1). Portanto, a formação do sacerdote não pode ser apenas universitária, embora ela seja deveras importante e necessária, mas há de ser também um processo integral, que inclui todos os aspetos da vida. A formação deve ajudar-vos a crescer e, ao mesmo tempo, a aproximar-vos de Deus e dos irmãos. Por favor, não vos contenteis com a obtenção de um título, mas sede discípulos a tempo inteiro para «anunciar a mensagem evangélica de modo credível e compreensível para o homem de hoje» (*Ratio*, n. 116). Nesta altura, é importante crescer no hábito do discernimento, que vos permite valorizar a cada instante e em todas as moções até aquilo que parece oposto e contraditório, considerando o que provém do Espírito; uma graça que devemos pedir de joelhos. Só a partir desta base, através das múltiplas tarefas no exercício do ministério, podereis formar os outros naquele discernimento que leva à Ressurreição e à Vida, permitindo-vos dar uma resposta consciente e generosa a Deus e aos irmãos (cf. *Encontro com sacerdotes e consagrados*, Milão, 25 de março de 2017).

Eu disse que a formação do sacerdote não pode ser apenas universitária, limitando-se só a ela. Disto nascem todas as ideologias que contaminam a Igreja, de qualquer tipo, do academismo clerical. São quatro as colunas que a formação deve ter: formação universitária, formação espiritual, formação comunitária e formação apostólica. E devem interagir umas com as outras. Se faltar uma delas, a formação começará a claudicar e o sacerdote acabará por ficar paralisado. Portanto, por favor, as quatro juntas, em interação.

Afinal, a terceira resposta de Jesus, *amar com todas as forças*, recorda-nos que onde está o nosso tesouro, lá também se encontra o nosso coração (cf. *Mt* 6, 21), e que nas nossas pequenas coisas, seguranças e afetos entra em jogo a nossa capacidade de dizer sim ao Senhor, ou de lhe virar as costas, como fez o jovem rico. Não vos podeis contentar com a conduta de uma vida ordenada e confortável, que vos permita viver sem preocupações, sem sentir a necessidade de cultivar um espírito de pobreza radicado no Coração de Cristo que, não obstante fosse rico, se fez pobre por nossa causa (cf. *2 Cor* 8, 9)

ou então, como reza o texto, para nos enriquecer. Exige-se que conquistemos a autêntica liberdade de filhos de Deus, numa relação adequada com o mundo e com os bens terrenos, segundo o exemplo dos Apóstolos, que Jesus convida a confiar na Providência e a segui-lo sem pesos nem laços (cf. *Lc* 9, 57-62; *Mc* 10, 17-22). Não vos esqueçais disto: o diabo entra sempre pelos bolsos, sempre! Além disso, é bom aprender a dar graças por aquilo que temos, renunciando generosa e voluntariamente ao supérfluo, para estar mais perto dos pobres e dos fracos. O Beato Domingo y Sol dizia que para socorrer quantos vivem em necessidade é necessário estar disposto a «vender a camisa». Não vos pedirei tanto, sacerdotes sem camisa, não; mas só vos peço que sejais testemunhas de Jesus, através da simplicidade e da austeridade de vida, para vos tornardes promotores credíveis de uma verdadeira justiça social (cf. João Paulo II, ***Pastores dabo vobis***, n. 30). E, por favor, — digo-vos como irmão, como pai e como amigo — por favor, absteide-vos do carreirismo eclesiástico: é uma peste. Evitai-o!

Caros superiores, estudantes e ex-alunos deste Colégio Espanhol de São José: confiemos ao santo Patriarca, Protetor da Igreja, todas as vossas preocupações e os vossos projetos, para que ele vos acompanhe, juntamente com Maria Santíssima, invocada pela tradição do Colégio como Mãe Clementíssima, a fim de poderdes assim crescer em sabedoria e graça, para ser discípulos amados do Bom Pastor. Que Deus vos abençoe!

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROMOVIDO PELO PONTIFÍCIO COMITÉ DAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS COM O TEMA «LUTERO 500 ANOS DEPOIS. UMA RELEITURA DA REFORMA LUTERANA EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO ECLESIAL», Sala Clementina, sexta-feira, 31 de março de 2017

Queridos Irmãos

Gentis Senhoras e Senhores

É com prazer que vos recebo e vos dirijo a minha cordial saudação. Agradeço ao Padre Bernard Ardura as suas palavras, com as quais resumiu o sentido deste vosso Congresso sobre Lutero e a sua reforma.

Confesso-vos que o meu primeiro sentimento perante esta louvável iniciativa do Pontifício Comité de Ciências históricas é um sentimento de *gratidão* a Deus, acompanhado também por uma certa *admiração*, ao pensar que não há muito tempo um congresso deste tipo teria sido totalmente impensável. Falar de Lutero, católicos e protestantes juntos, por iniciativa de um organismo da Santa Sé: deveras verificamos concretamente os frutos da ação do Espírito Santo, que ultrapassa qualquer barreira e transforma os conflitos em oportunidades de crescimento na comunhão. *Do conflito à comunhão* é precisamente o título do documento da Comissão Luterana-Católica Romana em vista da comemoração comum do quinto centenário do início da Reforma de Lutero.

Alegrei-me quando tomei conhecimento que esta comemoração ofereceu a estudiosos provenientes de várias instituições a oportunidade de *olhar juntos* para aqueles eventos. Aprofundamentos sérios sobre a figura de Lutero e a sua crítica contra a Igreja do seu tempo e o papado contribuem sem dúvida para superar aquele clima de desconfiança recíproca e de rivalidades que por demasiado tempo no passado caracterizou as relações entre católicos e protestantes. O estudo atento e rigoroso, livre de preconceitos e polémicas ideológicas, permite que as Igrejas, hoje em diálogo, possam discernir e assumir o que de positivo e legítimo houve na Reforma, e de se distanciar dos erros, exageros e falências, reconhecendo os pecados que tinham levado à divisão.

Estamos todos bem cientes de que o passado não pode ser mudado. Todavia, hoje, depois de cinquenta anos de diálogo ecuménico entre católicos e protestantes, é possível efetuar uma purificação da memória, que não consiste em realizar uma correção impraticável de quanto aconteceu há quinhentos anos, mas em «narrar esta história de forma diferente» (Comissão Luterana-Católica Romana para a unidade, *Do conflito à comunhão*, 17 de junho de 2013, 16), já sem vestígios daquele rancor pelas feridas sofridas que deforma a visão que temos uns dos outros. Hoje, como cristãos, somos todos chamados a libertar-nos dos preconceitos em relação à fé que os outros professam com uma ênfase e uma linguagem diferente, e a conceder-nos reciprocamente o perdão pelas culpas cometidas pelos nossos pais e a invocar juntos de Deus o dom da reconciliação e da unidade. Enquanto acompanho com a oração o vosso precioso trabalho de pesquisa histórica, invoco sobre todos vós a bênção de Deus

omnipotente e misericordioso. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Deus abençoe todos nós. Obrigado!

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DOS CLÉRIGOS REGULARES SOMASCOS

Sala do Consistório, quinta-feira, 30 de março de 2017

Amados Irmãos!

Sinto-me feliz por vos receber e saúdo-vos cordialmente, começando pelo Superior-Geral, ao qual agradeço as suas palavras. O mote que escolheste para o vosso Capítulo Geral: «*Passemos para a outra margem juntamente com os nossos irmãos com os quais queremos viver e morrer*», inspira-se nas palavras de Jesus (cf. *Lc 8, 22*) e faz referência a um trecho crucial da história do vosso Instituto, para captar o seu valor profético. Com efeito, a partir de 1921 um pequeno grupo de Somascos deixou as margens europeias para chegar às margens distantes do Continente americano. Tratou-se de uma abertura missionária decisiva, que imprimiu um novo impulso e amplas perspectivas apostólicas à vossa família religiosa.

Agora propusestes-vos voltar às motivações ideais daquele impulso evangelizador, para as concretizar, no hoje da Igreja e da sociedade, fiéis ao carisma do vosso Fundador e tendo em consideração as mudadas condições sociais e culturais. Neste discernimento sois amparados pelos frutos espirituais do *Jubileu somasco* de 2011-2012 que tanto bem fizeram e ainda fazem às vossas comunidades. Naquela significativa circunstância, na qual recordastes com gratidão o quinto centenário de fundação da vossa Ordem, o meu venerado predecessor **Bento XVI enviou-vos uma Mensagem** na qual vos exortava a seguir o exemplo luminoso de São Jerónimo Emiliani, «preocupando-se com todas as pobreza da nossa juventude, moral, física, existencial, e antes de tudo a pobreza de amor, raiz de todos os problemas humanos sérios» (20 de julho de 2011).

O ideal que moveu Jerónimo Emiliani foi a reforma da Igreja através das obras de caridade. O seu projeto era reformar primeiro a si mesmos na fidelidade ao Evangelho, depois a comunidade cristã e a sociedade civil, que não podem ignorar as crianças e os marginalizados mas devem socorrê-los e promover o seu desenvolvimento humano integral. Também eu vos encorajo a permanecer fiéis à inspiração e a «pôr-vos em saída» para ir ao encontro da humanidade ferida e descartada, com escolhas evangelicamente eficazes que nasçam da capacidade de olhar para o mundo e para a humanidade com os olhos de Cristo. A característica da vossa vocação é sobretudo o cuidado dos últimos, em particular dos órfãos e da juventude abandonada, segundo o método educativo do vosso Fundador, fortemente centrado na pessoa, na sua dignidade, no desenvolvimento das capacidades intelectuais e manuais. E falando de órfãos, há os novos «meio órfãos»: aqueles migrantes, jovens, crianças que chegam sozinhos às nossas terras e precisam de encontrar paternidade e maternidade. Gostaria de frisar o seguinte: nas barcas muitos viajam sozinhos e precisam disso. As vossas tarefas são estas e outras coisas.

Para prestar o vosso serviço ao Evangelho de maneira mais adequada às situações concretas de vida das pessoas, estais a elaborar novas maneiras de cumprir a vossa missão. Em particular, partindo da realidade atual da vossa Ordem, estais a fazer face à questão da sua fisionomia internacional e intercultural em relação ao serviço dos pobres e dos últimos. Encorajo-vos a estar atentos às diversas formas de marginalidade nas periferias geográficas e existenciais. Não tenhais medo de «*deixar os odres velhos*», enfrentando a transformação das estruturas onde isto resultar útil para um serviço mais evangélico e coerente com o carisma originário. As estruturas, em certos casos, dão uma falsa proteção e impedem o dinamismo da caridade e do serviço ao Reino de Deus. Gostaria de repetir isto: as estruturas, em certos casos, dão falsa proteção e impedem o dinamismo da caridade e do serviço ao Reino de Deus. Mas na base destes processos há sempre a experiência jubilosa do encontro com Cristo e da consagração a Ele, há a exigência radiosa da primazia de Deus e de nada antepor a Ele nem às «coisas» do Espírito, há o dom de manifestar a sua misericórdia e a sua ternura na vida fraterna e na missão.

A fim de prestar um serviço adequado no campo do mal-estar infantil e juvenil, tendes a oportunidade de responsabilizar os leigos somascos, para um compromisso mais consistente no âmbito social do carisma. Os direitos humanos, a tutela dos menores, os direitos da infância e da adolescência, a salvaguarda do trabalho infantil, a prevenção da exploração e do tráfico são questões que devem ser

enfrentadas com a força libertadora do Evangelho e, ao mesmo tempo, com instrumentos concretos e com competências profissionais adequadas.

São Jerónimo Emiliani, contemporâneo de Lutero, viveu com sofrimento a dilaceração da unidade católica; cultivou e promoveu na Itália a reforma da Igreja, «*sua ardentíssima sede*», com as obras de caridade, a obediência aos Pastores, a contemplação de Cristo Crucificado e da sua misericórdia, o ensinamento catequético, a fidelidade aos Sacramentos, o culto da Eucaristia, o amor à Virgem Maria. O seu exemplo e a sua intercessão vos estimulem a consagrar as vossas forças ao anúncio da salvação em Cristo, a fim de que possa alcançar as pessoas e as comunidades das nações nas quais estais presentes e as suas tradições; progride assim a inculturação, condição necessária para que a Igreja se radique no mundo. Em particular, encorajo-vos a prosseguir ativamente o vosso trabalho de formação dos catequistas, dos animadores leigos e do clero. Hoje um dos perigos mais graves, mais fortes, na Igreja é o clericalismo. Trabalhai com os leigos, que eles levem por diante, tenham a coragem de ir em frente, e vós amparai-os e ajudai-os como sacerdotes, como religiosos. Este é um serviço muito precioso para as Igrejas locais, em comunhão com os Pastores e em união com toda a Igreja e com a sua tradição viva.

Também o diálogo ecuménico merece o vosso contributo. O caminho rumo à plena unidade é longo, exige a escuta paciente daquilo que o Espírito diz às Igrejas e, sobretudo hoje, às comunidades eclesiais na África e na Ásia, onde trabalhais com fervor apostólico. As colaborações possíveis entre todos os batizados e a busca de uma maior fidelidade ao único Senhor fazem diretamente parte da missão. O Senhor ampare os vossos esforços neste sentido.

Amados Irmãos, diante de vós tendes a tarefa de prosseguir e desenvolver a obra inspirada por Deus a São Jerónimo Emiliani, declarado pelo **Papa Pio XI** *Padroeiro universal dos órfãos e da juventude abandonada*. Um renovado fervor missionário vos estimule a dedicar-vos ao serviço do Reino de Deus através da educação dos jovens, para que cresçam firmes na fé, livres e responsáveis, corajosos no testemunho e generosos no serviço. Encorajo-vos a levar por diante o vosso caminho de seguimento e o vosso dinamismo apostólico, rico de numerosas obras e sempre aberto a novas expressões, segundo as necessidades mais urgentes da Igreja e da sociedade nos diversos tempos e lugares. Fiéis ao carisma do Instituto e unidos aos Pastores, continuareis a dar uma contribuição fecunda à missão evangelizadora da Igreja. Peço ao Espírito Santo, com a materna intercessão da Virgem Maria, que vos ilumine nos vossos trabalhos capitulares e concedo-vos de coração a Bênção Apostólica.

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NO ENCONTRO COM O CLERO DA DIOCESE DE ROMA, *Basílica de São João de Latrão, quinta-feira, 2 de março de 2017*

«Senhor, aumenta a nossa fé» (Lc 17, 5). Esta pergunta surgiu espontaneamente nos discípulos quando o Senhor estava a falar com eles acerca da misericórdia e disse que devemos perdoar setenta vezes sete. «Aumenta a nossa fé», peçamos nós também, no início desta conversa. Peçamo-lo com a simplicidade do **Catecismo**, que nos diz: «Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente; ela deve “agir pela caridade” (Gl 5, 6; Tg 2, 14-26), ser sustentada pela esperança (cf. Rm 15, 13) e permanecer enraizada na fé da Igreja» (n. 162).

Ajuda-me apoiar-me em três pontos firmes: *a memória, a esperança e o discernimento* do momento. A memória, como diz o **Catecismo**, radica-se na fé da Igreja, na fé dos nossos pais; é a esperança que ampara a nossa fé; e o discernimento do momento tenho-o em consideração no momento de agir, de pôr em prática aquela “fé que age por meio da caridade”.

Formulo este conceito do seguinte modo:

— Disponho de uma promessa — é sempre importante *recordar* a promessa do Senhor que me pôs a caminho.

— Estou a caminho — tenho *esperança*: a esperança indica-me o horizonte, guia-me: é a estrela e também aquilo que me ampara, é a âncora, ancorada em Cristo.

— E, no momento específico, em cada cruzamento devo *discernir* um bem concreto, o passo em frente no amor que posso praticar, e também o modo como o Senhor deseja que o faça.

Recordar as graças passadas confere à nossa fé a solidez da encarnação; coloca-a no âmbito de uma história, a história da fé dos nossos pais, que «morreram na fé, sem terem obtido as coisas prometidas. Somente as viram e saudaram de longe» (Hb 11, 13).**[1]** Nós, «circundados por tal multidão

de testemunhas», olhando para onde elas olham, mantenhamos os olhos «fixos em Jesus, autor e consumidor da fé» (*Hb* 12, 2).

A *esperança*, por seu lado, abre a fé às surpresas de Deus. O nosso Deus é cada vez maior do que tudo o que podemos pensar e imaginar acerca d'Ele, daquilo que lhe pertence e do seu modo de agir na história. A abertura da esperança confere vigor e horizonte à nossa fé. Não é a abertura de uma imaginação veleidosa que projetaria fantasias e desejos próprios, mas a abertura que leva a ver o despojamento de Jesus, «o Qual, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está agora sentado à direita do trono de Deus» (*Hb* 12, 2). A esperança que atrai, paradoxalmente, não é gerada pela imagem do Senhor transfigurado, mas pela sua imagem ignominiosa. «Atrairéi todos a mim» (*Jo* 12, 32). É a doação total do Senhor na cruz que nos atrai, porque revela a possibilidade de ser mais autêntica. É o despojamento d'Aquele que não se apodera da promessa de Deus, mas, como verdadeiro testador, passa a tocha da herança aos seus filhos: «Onde há um testamento, é necessário que se dê a morte do testador» (*Hb* 9, 16).

Por fim, o *discernimento* é aquilo que concretiza a fé, que a torna «ativa por meio da caridade» (cf. *Gl* 5, 6), aquilo que nos permite dar um testemunho credível: «eu te mostrarei a fé pelas minhas obras» (*Tg* 2, 18). O discernimento olha em primeiro lugar para o que agrada a nosso Pai, «que vê o segredo» (*Mt* 6, 4.6), não olha para os modelos de perfeição dos paradigmas culturais. O discernimento é “do momento” porque está atento, como Nossa Senhora em Caná, ao bem do próximo que pode fazer com que o Senhor antecipe “a sua hora”, ou que “salte” um sábado para pôr em pé aquele que estava paralisado. O discernimento do momento oportuno (*kairos*) é fundamentalmente rico de memória e de esperança: recordando com amor, aponta o olhar com lucidez para o que melhor guia para a Promessa.

E aquilo que melhor guia está sempre relacionado com a cruz. Com aquele despojar-me da minha vontade, com aquele drama interior do «não seja como eu quero, mas como tu queres» (*Mt* 26, 39) que me entrega nas mãos do Pai e faz com que seja Ele a guiar a minha vida.

Crescer na fé

Volto por um momento ao tema do “crescer”. Se voltardes a ler com atenção a *Evangelii gaudium* — que é um documento programático — vereis que fala sempre de “crescimento” e de “maturação”, na fé, no amor, na solidariedade e na compreensão da Palavra.[2] A *Evangelii gaudium* tem uma perspectiva dinâmica. «O mandato missionário do Senhor inclui o apelo ao crescimento da fé, quando diz: “ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (*Mt* 28, 20). Daqui se vê claramente que o primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento» (n. 160).

Friso o seguinte: caminho de formação e de maturação na fé. E levar isto a sério implica que «não seria correto se este apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação (meramente) doutrinal» (n. 161). O crescimento na fé dá-se através de encontros com o Senhor ao longo da vida. Estes encontros conservam-se como um tesouro na memória e são a nossa fé viva, numa história de salvação pessoal.

Nestes encontros a experiência é a de uma plenitude incompleta. Incompleta, porque devemos continuar a caminhar; plenitude, porque como em todas as coisas humanas e divinas, em todas as partes se encontra o todo.[3] Esta maturação constante é válida tanto para o discípulo como para o missionário, o seminarista, o sacerdote e o bispo. No fundo é aquele círculo virtuoso ao qual se refere o Documento de Aparecida que cunhou a fórmula «discípulos missionários».

O ponto firme da cruz

Quando falo de pontos firmes ou de «ser eixo», a imagem que tenho presente é a do jogador de basquetebol, que finca o pé como «pivô» no terreno e faz movimentos para proteger a bola, ou para encontrar um espaço para a passar, ou para correr e fazer cesto. Para nós aquele pé fincado no chão, em volta do qual nos movemos, é a cruz de Cristo. Uma frase escrita na parede da capela da Casa de Exercícios São Miguel (Buenos Aires) dizia: «Fixa está a Cruz, enquanto o mundo gira» [*«Stat crux dum volvitur orbis»*, mote de São Bruno e dos Cartuxos]. Depois alguém se move, protegendo a bola, com a esperança de meter a bola no cesto e procurando compreender a quem a passar.

A fé — o progresso e o crescimento na fé — funda-se sempre na Cruz: «Agradou a Deus salvar os crentes com a estultícia da pregação» de «Cristo crucificado: escândalo para os judeus e estultícia para os pagãos» (*1 Cor* 1, 21.23). Por conseguinte, como diz a Carta aos Hebreus, mantendo o «olhar fixo em Jesus, aquele que dá origem à fé e a leva a cumprimento», movemo-nos e exercitamo-nos na memória — recordando a «multidão de testemunhas» — e corremos com esperança «a corrida que

temos à nossa frente», discernindo as tentações contra a fé, «sem nos cansar nem desanimar» (cf. *Hb* 12, 1-3).

Memória deuteronomica

Na *Evangelii gaudium* quis realçar aquela dimensão da fé que chamo deuteronomica, em analogia com a memória de Israel:

«A alegria evangelizadora reflete sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos de pedir. Os Apóstolos nunca mais esqueceram o momento em que Jesus lhes tocou o coração: «Eram quatro horas da tarde» (*Jo* 1, 39)» (n. 13).

Na «“nuvem de testemunhas” [...] distinguem-se algumas pessoas que incidiram de maneira especial para fazer germinar a nossa alegria crente: «Recordai-vos dos vossos guias, que vos pregaram a palavra de Deus» (*Hb* 13, 7). Às vezes, trata-se de pessoas simples e próximas de nós, que nos iniciaram na vida da fé: «Trago à memória a tua fé sem fingimento, que se encontrava já na tua avó Lóide e na tua mãe Eunice» (*2 Tm* 1, 5). O crente é, fundamentalmente, «uma pessoa que faz memória» (*ibid*).

A fé alimenta-se e nutre-se da memória. A memória da Aliança que o Senhor fez conosco: Ele é o Deus dos nossos pais e avós. Não é Deus do último momento, um Deus sem história de família, um Deus que para responder a cada novo paradigma deveria descartar como antigos e ridículos os precedentes. A história de família nunca “sai de moda”. As roupas e os chapéus dos avós parecerão velhos, as fotografias terão tom sépia, mas o afeto e a audácia dos nossos pais, que se dedicaram totalmente a fim de que pudéssemos estar aqui e ter o que temos, são uma chama acesa em cada coração nobre.

Tenhamos bem presente que progredir na fé não é somente um propósito voluntarista de acreditar mais de agora em diante: é também um exercício de voltar com a memória às graças fundamentais. É possível “progredir para trás”, indo procurar novamente tesouros e experiências esquecidos e que muitas vezes contêm as chaves para compreender o presente. Este é o aspeto verdadeiramente “revolucionário”: ir às raízes. Quanto mais lúcida for a memória do passado, tanto mais claro se abrirá o futuro, porque se pode ver o caminho realmente novo e distingui-lo dos caminhos já percorridos que não levaram a lado algum. A fé cresce recordando, relacionando as coisas com a história real vivida pelos nossos pais e por todo o povo de Deus, pela Igreja inteira.

Portanto, a Eucaristia é o Memorial da nossa fé, o que nos situa sempre de novo, diariamente, no acontecimento fundamental da nossa salvação, na Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, centro e eixo da história. Voltar sempre para este Memorial — atualizá-lo num Sacramento que se prolonga na vida — significa progredir na fé. Como dizia Santo Alberto Hurtado: «Minha Missa é minha vida e minha vida é uma Missa prolongada»[4].

Para remontar às fontes da memória, ajuda-me sempre reler um trecho do profeta Jeremias e outro do profeta Oseias, nos quais eles nos falam sobre o que o Senhor lembra do seu Povo. Para Jeremias, a recordação do Senhor é a da esposa amada da mocidade, que depois lhe foi infiel. «Lembro-me — diz a Israel —, da tua fidelidade no tempo da tua mocidade, do amor dos teus desposórios, quando me seguias no deserto [...]. Era, então, Israel propriedade sagrada do Senhor» (2, 2-3).

O Senhor repreende ao seu povo a infidelidade, que se revelou uma escolha errada: «O meu povo cometeu um duplo crime: Abandonou-me, a mim, fonte de águas vivas, para cavar cisternas, cisternas rotas, que não podem reter as águas [...]. Mas tu respondes: “Não vale a pena! Amo os estrangeiros e quero segui-los (2, 13.25).

Para Oseias, a recordação do Senhor é aquela do filho mimado e ingrato: «Quando Israel era ainda menino. Eu o amei, e chamei do Egito o meu filho. Mas, quanto mais os chamei, mais se afastaram; [...] e queimaram oferendas aos ídolos. Entretanto, Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços, mas não reconheceram que era Eu quem cuidava deles. Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como a espuma que acariciava as suas faces, e dei-lhes alimento. [...]. O meu povo é inclinado a afastar-se de mim» (11, 1-4.7). Hoje como então, a infidelidade e a ingratidão dos pastores têm repercussões também sobre os mais pobres do povo fiel, que permanecem à mercê dos intrusos e dos idólatras.

Esperança não só no futuro

A fé sustenta-se e progride graças à esperança. A esperança é a âncora ancorada no Céu, no futuro transcendente, do qual o futuro temporal — considerado de forma linear — é apenas uma expressão. A esperança é o que dinamiza o olhar regressivo da fé, que leva a encontrar coisas novas no passado — nos tesouros da memória — porque se encontra com o mesmo Deus que espera ver no

futuro. Além disso, a esperança estende-se até aos limites, em toda a amplitude e em toda a densidade do presente quotidiano e imediato, e vê possibilidades novas no próximo e naquilo que se pode fazer aqui, hoje. A esperança consiste em saber ver, no rosto dos pobres que encontro hoje, o mesmo Senhor que virá um dia para nos julgar segundo o protocolo de Mateus 25: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (v. 40).

Assim a fé progride existencialmente acreditando neste “impulso” transcendente que se move — que é ativo e operante — rumo ao futuro, mas também em direção do passado e em toda a amplitude do momento presente. Podemos entender assim a frase de Paulo aos Gálatas, quando diz que o que conta é «a fé que atua pela caridade» (5, 6): uma caridade que, quando faz memória, se ativa confessando, no louvor e na alegria, que o amor já lhe foi concedido; uma caridade que quando olha para a frente e acima, confessa o seu desejo de dilatar o coração na plenitude do Bem maior; estas duas confissões de uma fé rica de gratidão e de esperança traduzem-se na ação pastoral: a fé confessa-se na prática, saindo de si mesmo, transcendendo-se na adoração e no serviço.

Discernimento do momento

Deste modo vemos que a fé, dinamizada pela esperança de descobrir Cristo na densidade do presente, está ligada ao discernimento.

É característico do discernimento dar inicialmente um passo para trás, como quem retrocede um pouco para ver melhor o panorama. Há sempre uma tentação no primeiro impulso, que leva a querer resolver algo imediatamente. Neste sentido penso que há um primeiro discernimento, grande e fundador, ou seja, aquele que não se deixa enganar pela força do mal, mas que sabe ver a vitória da Cruz de Cristo em cada situação humana. A este ponto gostaria de reler convosco um trecho inteiro da ***Evangelii gaudium***, porque ajuda a discernir aquela tentação insidiosa que chamo pessimismo estéril:

«Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre. Ninguém pode empreender uma luta, se de antemão não está plenamente confiado no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos. Embora com a dolorosa consciência das próprias fraquezas, há que seguir em frente, sem se dar por vencido, e recordar o que disse o Senhor a São Paulo: “Basta-te a minha graça, porque a força se manifesta na fraqueza” (2 Cor 12, 9). O triunfo cristão é sempre uma cruz, mas cruz que é, simultaneamente, estandarte de vitória, que se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal. O mau espírito da derrota é irmão da tentação de separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica [...] Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, se nos entregou como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!» (85-86).

Para estas formulações «não nos deixemos roubar...», inspiro-me nas regras de discernimento de Santo Inácio, que geralmente representa o demónio como um ladrão. Comporta-se como um capitão — diz Inácio — que para vencer e roubar o que deseja combate pela parte mais fraca (cf. *Exercícios Espirituais*, 327). E no nosso caso, na atualidade, penso que procura roubar-nos a alegria — que é como se nos roubasse o presente[5] — e a esperança — o sair, o caminhar — que são as graças que mais peço e faço pedir para a Igreja neste tempo.

A este ponto é importante dar um passo em frente e dizer que a fé progride quando, no momento presente, discernimos como concretizar o amor no bem possível, proporcionado ao bem do outro. O primeiro bem do outro é poder crescer na fé. A súplica comunitária dos discípulos «Aumenta a nossa fé!» (Lc 17, 6) subentende a consciência que a fé é um bem comunitário. Além disso, é necessário considerar que procurar o bem do outro nos faz arriscar. Como diz a *Evangelii gaudium*:

«Um coração missionário está consciente [...] de que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada» (n. 45).

Neste discernimento é implícito o ato de fé em Cristo presente no mais pobre, no mais pequenino, na ovelha perdida, no amigo insistente. Cristo presente em quem vem ao nosso encontro — fazendo-nos ver, como Zaquie ou a pecadora que entra com o seu vaso de perfume, ou quase sem se fazer notar, como a hemorroíssa; ou Cristo presente naqueles de quem nós mesmos nos aproximamos, sentindo compaixão quando o vemos de longe, deitado à beira da estrada. Acreditar que ali está Cristo, discernir a forma melhor para dar um pequeno passo para ir ter com Ele, para o bem daquela pessoa, é progresso na fé. Assim como louvar é progresso na fé, e desejar mais é progresso na fé.

Poder-nos-á agora fazer bem deter-nos um pouco sobre este progresso na fé que se realiza graças ao discernimento do momento. O progresso da fé na memória e na esperança é mais desenvolvido. Ao contrário, este ponto firme do discernimento, talvez não muito. Pode até parecer que onde há fé não deveria ser necessário o discernimento: acredita-se e basta. Mas isto é perigoso, sobretudo se se substituem os renovados atos de fé numa Pessoa — em Cristo nosso Senhor — que têm todo o dinamismo que acabamos de ver, com atos de fé meramente intelectuais, cujo dinamismo se esgota em fazer reflexões e elaborar formulações abstratas. A formulação conceitual é um momento necessário do pensamento, assim como escolher um meio de transporte é necessário para alcançar uma meta. Mas a fé não se esgota numa formulação abstrata nem a caridade num bem particular, mas a característica da fé e da caridade é crescer e progredir abrindo-se a uma maior confiança e a um maior bem comum. A característica da fé é ser “operante”, ativa, e o mesmo é válido para a caridade. E o termo de comparação é o discernimento. Com efeito, a fé pode fossilizar-se, ao conservar o amor recebido, transformando-o num objeto a fechar num museu; e a fé pode também volatilizar-se, na projeção do amor desejado, transformando-o num objeto virtual que só existe na ilha das utopias. O discernimento do amor real, concreto e possível no momento presente, a favor do próximo mais dramaticamente necessitado, faz com que a fé se torne ativa, criativa e eficaz.

O ícone de Simão Pedro «passado no crivo»

Para concretizar esta reflexão relativa a uma fé que cresce com o discernimento do momento, contemplemos o ícone de Simão Pedro «passado no crivo» (cf. *Lc* 22, 31), que o Senhor preparou de maneira paradigmática, a fim de que com a sua fé provada confirmasse todos nós que «amamos Cristo sem o ter visto» (cf. *1 Pd* 1, 8).

Entremos plenamente no paradoxo no qual quem nos deve confirmar na fé é o mesmo ao qual o Senhor com frequência repreende a «pouca fé». Geralmente o Senhor indica outras pessoas como exemplos de grande fé. Com notável ênfase muitas vezes louva a fé de pessoas simples e de outras que não pertencem ao povo de Israel — pensemos no centurião (cf. *Lc* 7, 9) e na mulher sírio-fenícia (cf. 15, 28) — enquanto aos discípulos — e a Simão Pedro em particular — repreende a «pouca fé» (*Mt* 14, 31).

Considerando que as reflexões do Senhor relativas à grande fé e à pouca fé têm uma intenção pedagógica e são um estímulo para aumentar o desejo de crescer na fé, concentremo-nos no episódio central da vida de Simão Pedro, no qual Jesus lhe diz que «rezou» pela sua fé. É o momento que precede a paixão; os apóstolos acabaram de discutir quem entre eles seria o traidor e quem seria o maior, e Jesus diz a Simão:

«Simão, Simão, olha que Satanás vos reclamou para vos joeirar como o trigo. Mas eu rezei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos» (*Lc* 22, 31-31).

Esclareçamos os termos, porque as preces do Senhor ao Pai são para conservar como tesouros no coração. Consideremos que o Senhor «reza»[6] por Simão, mas pensando em nós. «Desfalecer» é a tradução de *ekleipo* — «eclipsar-se» — e é muito plástica a imagem de uma fé eclipsada pelo escândalo da paixão. É a experiência à qual chamamos desolação: algo encobre a luz.

Voltar para trás (*epistrepsas*) exprime aqui o sentido de «converter-se», de retornar à consolação anterior depois de uma experiência de desolação e de ser passado no crivo por parte do demónio.

«Confirmar» (*sterizon*) diz-se no sentido de «consolidar» (*histemi*) a fé a fim de que a partir daquele momento seja «determinada» (cf. *Lc* 9, 51). Uma fé que nenhum vento de doutrina pode demover (cf. *Ef* 4, 14). Mais tarde refletiremos ainda sobre este «passar pelo crivo». Podemos reler as palavras do Senhor da seguinte maneira:

«Simão, Simão, [...] pedi ao Pai por ti, para que a tua fé não permaneça eclipsada (pelo meu rosto desfigurado, em ti que o viu transfigurado); e tu, quando saíres desta sensação de desolação da qual o demónio se aproveitou para te passar no crivo, confirma (com esta tua fé provada) a fé dos teus irmãos».

Vemos assim que a fé de Simão Pedro tem um carácter especial: é uma fé provada, e com ela, tem a missão de confirmar e consolidar a fé dos seus irmãos, a nossa fé. A fé de Simão Pedro é menor do que a de tantos pequeninos do povo fiel de Deus. Até pagãos, como o centurião, têm uma fé maior no momento de implorar a cura de um doente da sua família. A fé de Simão é mais lenta do que a de Maria Madalena e de João, que só crê ao ver o sinal do sudário e reconhece o Senhor às margens do lago só ao escutar as suas palavras. A fé de Simão Pedro tem momentos de grandeza, como quando confessa que Jesus é o Messias, mas depois seguem quase imediatamente outros momentos de grave erro, de extrema fragilidade e de total desconcerto, como quando quer afastar o Senhor da cruz, ou quando afunda sem

remédio no lago ou deseja defender o Senhor com a espada. Para não falar do momento vergonhoso das três negações diante dos servos.

Podemos distinguir três tipos de pensamento, cheios de afeto,^[7] que interagem nas provações de fé de Simão Pedro: alguns são os pensamentos que lhe vêm do seu próprio modo de ser; outros pensamentos provoca-lhe diretamente o demónio (pelo espírito maligno); e um terceiro tipo de pensamento é o que vem diretamente do Senhor ou do Pai (do espírito bom).

a) Os dois nomes e o desejo de caminhar ao encontro de Jesus sobre as águas

Vejamos, em primeiro lugar, como o Senhor se relaciona com o aspeto mais humano da fé de Simão Pedro. Falo daquela sadia autoestima com a qual alguém acredita em si mesmo e no outro, na capacidade de ser digno de confiança, sincero e fiel, sobre a qual se baseiam todas as amizades humanas. Há dois episódios na vida de Simão Pedro nos quais podemos ver um crescimento na fé que poderíamos chamar sincero. Sincero no sentido que é sem complicações, no qual uma amizade cresce, aprofundando quem é cada um sem que haja sombras. Um é o episódio dos dois nomes; o outro, quando Simão Pedro pede ao Senhor que o mande vir até Ele caminhando sobre as águas.

Simão entra em cena quando o seu irmão André vai ter com ele, dizendo-lhe: «Encontramos o Messias» (Jo 1, 41); e ele segue o seu irmão que o leva até Jesus. E ali imediatamente houve a mudança de nome. Trata-se de uma escolha que o Senhor faz em vista de uma missão, a de ser Pedra, fundamento sólido de fé sobre a qual edificará a sua Igreja. Notemos que, mais do que lhe mudar o nome de Simão, com efeito, o que o Senhor faz é acrescentar o de Pedro.

Este facto em si já é motivo de tensão e de crescimento. Pedro movimentar-se-á sempre ao redor do eixo que é o Senhor, girando e sentindo o peso e o movimento dos seus dois nomes: Simão — o pescador, o pecador, o amigo... — e Pedro — a Rocha sobre a qual se constrói, aquele que tem as chaves, que dá a última palavra, que cuida e apascenta as ovelhas. Faz-me bem pensar que Simão é o nome com o qual Jesus lhe chama quando falam como amigos, e Pedro é o nome com o qual o Senhor o apresenta, justifica, defende e ressalta de maneira única como seu homem de total confiança, diante dos outros. Apesar de lhe ter dado o nome de «Pedra», Jesus chama-lhe Simão.

A fé de Simão Pedro progride e cresce na tensão entre estes dois nomes, cujo ponto fixo — o eixo — está centrado em Jesus.

Possuir dois nomes descentraliza-o. Não pode centralizar-se em nenhum deles. Se quisesse que Simão fosse o seu ponto fixo, deveria dizer sempre: «Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador» (Lc 5, 8). Se pretendesse centrar-se exclusivamente sobre ser Pedro e esquecesse ou cobrisse tudo o que é de Simão, tornar-se-ia uma pedra de escândalo, como lhe aconteceu quando «não se comportava retamente segundo a verdade do Evangelho», como lhe disse Paulo porque tinha escondido o facto de ter ido comer com os pagãos (cf. Gl 2, 11-14). Manter-se Simão (pescador e pecador) e Pedro (Pedra e chave para os outros) obrigá-lo-á a descentrar-se constantemente para girar só ao redor de Cristo, o único centro.

O ícone deste descentramento, a sua prática, é quando pede a Jesus que o mande ir ter com Ele sobre as águas. Ali Simão Pedro mostra o seu carácter, o seu sonho, a sua atração pela imitação de Jesus. Quando afunda, porque deixa de olhar para o Senhor, fixando a agitação das ondas, mostra os seus medos e os seus fantasmas. E quando pede que o salve e o Senhor lhe estende a mão, mostra que sabe bem quem é Jesus para ele: o seu Salvador. E o Senhor fortalece a sua fé, concedendo-lhe o que deseja, dando-lhe a mão e concluindo a questão com aquela frase afetuosa e tranquilizante: «Homem de pouca fé, por que duvidaste?» (Mt 14, 31).

Em todas as situações-limite nas quais se encontrou, Simão Pedro guiado pela sua fé em Jesus discerniu sempre qual era a mão que o salvava. Com a certeza de que, até quando não compreende bem o que Jesus diz ou faz, o leva a dizer: «Senhor, a quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6, 68). Humanamente, esta consciência de ter «pouca fé», juntamente com a humildade de se deixar ajudar por quem sabe e pode fazê-lo, é o ponto de sadia autoestima na qual se enraíza a semente da fé «para confirmar os outros», para «edificar sobre ela», que Jesus quer de Simão Pedro e de nós que participamos do ministério. Diria que é uma fé partilhada, talvez porque não é tão admirável. A fé de alguém que tivesse aprendido a caminhar sem tribulações sobre as águas seria fascinante, mas afastar-nos-ia. Ao contrário, esta fé de amigo bom, ciente da sua pequenez e que confia plenamente em Jesus, suscita-nos simpatia e — esta é a sua graça — confirma-nos!

b) A oração de Jesus e o crivo do demónio

No trecho central de Lucas que nos guia, podemos ver o que produz o crivo do demónio na personalidade de Simão Pedro e como Jesus reza a fim de que a debilidade, e até o pecado, se transformem em graça, e graça comunitária.

Concentremo-nos na palavra «crivo» (*siniazo*: joeirar o trigo), que evoca o movimento de espíritos, graças ao qual no final se discerne o que vem do espírito bom e o que vem do mau. Neste caso aquele que joeira — que reivindica o poder de joeirar — é o espírito maligno. O Senhor não o impede mas, aproveitando da provação, dirige a sua oração ao Pai para que fortaleça o coração de Simão Pedro. Jesus reza para que Simão Pedro «não caia em tentação». O Senhor fez todo o possível para salvaguardar os seus na sua Paixão. Todavia não pode evitar que cada um seja tentado pelo demónio, que se introduz na parte mais frágil. Neste tipo de provação, que Deus não manda diretamente mas não impede, Paulo diz-nos que o Senhor não permite que sejamos tentados além das nossas forças (cf. *1 Cor* 10, 13).

O facto de que o Senhor diga expressamente que ora por Simão é deveras importante, porque a tentação mais insidiosa do demónio é que, juntamente com uma determinada provação particular, nos faz sentir que Jesus nos abandonou, que de qualquer modo nos deixou sozinhos e não nos ajudou como deveria. O próprio Senhor experimentou e venceu esta tentação, primeiro no horto e depois na cruz, entregando-se nas mãos do Pai quando se sentiu abandonado. É neste ponto da fé que precisamos, de modo especial e com cuidado, de ser reforçados e confirmados. No facto de que o Senhor previne o que sucederá a Simão Pedro e lhe garante que já rezou para que a sua fé não falhe, encontramos a força da qual temos necessidade.

Este «eclipse» da fé diante do escândalo da paixão é um aspeto pelo qual o Senhor reza de modo particular. O Senhor pede-nos que rezemos sempre, com insistência; associa-nos à sua oração, faz com que peçamos para «não cair em tentação e livrar-nos do mal», porque a nossa carne é fraca; revela-nos também que há demónios que só são derrotados com a oração e a penitência e, sob certos aspetos, revela-nos que Ele reza de maneira especial. Esta é uma delas. Assim como se reservou a tarefa humilde de lavar os pés aos seus, e quando ressuscitou ocupou-se pessoalmente de consolar os seus amigos, ao mesmo tempo, esta oração com a qual, reforçando a fé de Simão Pedro, fortalece a de todos os outros, é algo do que o Senhor se ocupa pessoalmente. E devemos dar-nos conta disto: é a esta oração que o Senhor recitou uma vez e continua a fazê-lo — «está à direita de Deus e intercede por nós» (*Rm* 8, 34) — que devemos recorrer para fortalecer a nossa fé.

Se a lição dada a Simão Pedro de se deixar lavar os pés confirmou a atitude de serviço do Senhor e o fixou na memória da Igreja como um facto fundamental, esta lição, dada no mesmo contexto, deve pôr-se como um ícone da fé tentada e joeirada pela qual o Senhor reza. Como sacerdotes que participamos no ministério petrino, naquilo que depende de nós, participamos da mesma missão: não só devemos lavar os pés aos nossos irmãos, como fazemos na Quinta-Feira Santa, mas devemos confirmá-los na sua fé, testemunhando que o Senhor rezou pela nossa.

Se nas provações que têm origem na nossa carne o Senhor nos encoraja e fortalece, realizando muitos milagres de cura, nestas tentações que vêm diretamente do demónio, o Senhor usa uma estratégia mais complexa. Vemos que há alguns demónios que expulsa diretamente sem rodeios; outros neutraliza-os, silenciando-os; outros faz com que falem, pergunta o seu nome, como o que era «Legião»; a outros responde amplamente com a Escritura, suportando um longo procedimento, como no caso das tentações no deserto. Este demónio, que tenta o seu amigo no início da sua paixão, derrota-o rezando, não porque o deixe em paz, mas para que o seu joeirar se torne motivo de força em benefício dos outros.

Temos aqui alguns ensinamentos sobre o *crescimento na fé*. Um relaciona-se com o escândalo do sofrimento do Inocente e dos inocentes. Isto diz-nos respeito mais do que acreditamos, toca até os que o provocam e os que fingem não o ver. Faz bem ouvir da boca do Senhor, no momento exato em que está para assumir sobre si este escândalo da paixão, que Ele reza a fim de que não falte a fé daquele que deixa no seu lugar e para que ele confirme todos nós. O eclipse da fé provocado pela paixão não é algo que cada um pode resolver e superar individualmente.

Outra lição importante é que quando o Senhor nos põe à prova, nunca o faz baseando-se na nossa parte mais frágil. Isto é típico do demónio, que explora as nossas fragilidades, que procura a nossa parte mais débil e que se obstina ferozmente contra os mais débeis deste mundo. Portanto, a infinita e incondicionada misericórdia do Pai pelos pequeninos e pecadores, e a compaixão e o perdão infinitos que Jesus exerce até ao ponto de dar a vida pelos pecadores, não é só porque Deus é bom, mas também é fruto do discernimento último de Deus sobre o mal para o desenraizar da sua relação com a fragilidade

da carne. Em última instância, o mal não está ligado à fragilidade nem ao limite da carne. Por isso o Verbo faz-se carne sem qualquer temor e dá testemunho de que pode viver perfeitamente no seio da Sagrada Família e crescer protegido por duas criaturas humildes como São José e a Virgem Maria sua mãe.

O mal tem a sua origem num ato de orgulho espiritual e nasce da soberba de uma criatura perfeita, Lúcifer. Depois, contagia Adão e Eva, mas encontrando apoio no seu «desejo de ser como deuses», não na sua fragilidade. No caso de Simão Pedro, o Senhor não teme a sua fragilidade de homem pecador nem o seu medo de caminhar sobre as águas no meio de uma tempestade. Contudo, teme a discussão sobre quem é o maior.

Foi neste contexto que disse a Simão Pedro que o demónio pediu permissão para o joeirar. E podemos pensar que o joeirar começou ali, na discussão sobre quem era aquele que o trairia, acabando depois na discussão sobre quem era o maior. Todo o trecho de Lucas que se segue imediatamente à instituição da Eucaristia é um joeirar: discussões, previsão da negação, oferta da espada (cf. 22, 23-38). A fé de Simão Pedro é joeirada na tensão entre o desejo de ser leal, de defender Jesus e ser o maior e a negação, a covardia e o sentir-se o pior de todos. O Senhor reza a fim de que Satanás não ofusque a fé de Simão naquele momento, no qual olha para si mesmo para se fazer grande, para se desprezar ou permanecer desconcertado e perplexo.

Se há uma formulação elaborada por Pedro acerca disto, é a de uma «fé provada», como nos mostra a sua Primeira Carta, na qual Pedro adverte que a provação não deve perturbar, como se acontecesse alguma coisa extraordinária (cf. 4, 12), mas deve-se resistir ao demónio «firme na fé» (5, 9). Pedro define-se a si mesmo como «testemunha dos sofrimentos de Cristo» (5, 1) e escreve as suas cartas com a finalidade de «despertar [...] uma sã compreensão» (2 Pd 3, 1) (*eilikrine dianoian*: juízo iluminado por um raio de sol), que seria a graça contrária ao «eclipse» da fé.

Portanto, o progresso da fé realiza-se graças a este joeirar, a este passar através de tentações e provações. Toda a vida de Simão Pedro pode ser vista como um progresso na fé graças ao acompanhamento do Senhor, que lhe ensina a discernir, no próprio coração, o que vem do Pai e o que vem do demónio.

c) O Senhor que põe à prova levando a fé a crescer de bem para melhor e a tentação sempre presente

Finalmente, o encontro na margem do lago de Tiberíades. Mais um trecho em que o Senhor põe à prova Simão Pedro, fazendo-o crescer de bem para melhor. O amor de amizade pessoal consolida-se como aquilo que «alimenta» o rebanho, fortalecendo-o na fé (cf. Jo 21, 15-19).

Lida neste contexto das provações de fé de Simão Pedro, que ajudam a revigorar a nossa, podemos ver aqui como se trata de uma prova muito especial do Senhor. Em geral, diz-se que o Senhor o interrogou três vezes, porque Simão Pedro o tinha negado três vezes. Pode ser que esta debilidade estivesse presente na alma de Simão Pedro (ou na de quem lê a sua história) e que o diálogo tenha ajudado a debelá-la. Mas podemos pensar também que o Senhor curou aquela negação com o olhar, que levou Simão Pedro a chorar amargamente (cf. Lc 22, 62). Neste interrogatório podemos ver um modo de proceder do Senhor, ou seja, começar a partir de algo bom, que todos reconheciam e com o qual Simão Pedro podia estar contente: «Amas-me mais do que estes?» (v. 15); confirmá-lo, simplificando-o, com um simples «amas-me?» (v. 16), que tira da alma de Simão qualquer desejo de grandeza e rivalidade; para acabar naquele «amas-me como amigo?» (v. 17), que é o que Simão Pedro mais deseja e, evidentemente, é o que mais está a peito de Jesus. Se é verdadeiramente amor de amizade, este amor nada tem a ver com algum tipo de repreensão ou correção: a amizade é amizade e é o valor mais alto que corrige e melhora tudo o resto, sem necessidade de falar sobre o motivo.

Talvez a maior tentação do diabo fosse esta: insinuar em Simão Pedro a ideia de não se julgar digno de ser amigo de Jesus, porque o tinha atraído. Mas o Senhor é fiel. Sempre. E de tempos em tempos renova a sua fidelidade. «Se somos infiéis Ele continua fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo» (2 Tm 2, 13), como diz Paulo a Timóteo, seu filho na fé. A amizade possui esta graça: um amigo que é mais fiel pode, com a sua fidelidade, tornar fiel o outro que não o é tanto. E se se trata de Jesus, Ele mais do que ninguém tem o poder de tornar fiéis os seus amigos. É nesta fé — a fé num Jesus amigo fiel — que Simão Pedro é confirmado e enviado a confirmar-nos a todos. É neste sentido específico que se pode ler a tríplice missão de apascentar as ovelhas e os cordeiros. Considerando tudo o que exige o cuidado pastoral, é essencial o elemento de fortalecer os outros na fé em Jesus, que nos ama como amigos. É a este amor que se refere Pedro na sua primeira Carta: trata-se da fé em Jesus Cristo que

— diz — «amais, sem o terdes visto; e ainda credes nele, sem o verdes», e esta fé leva-nos a exultar «de alegria inefável e gloriosa», convictos de alcançar «a meta da (nossa) fé: a salvação das almas» (cf. *1 Pd* 1, 7-9).

Todavia, surge uma nova tentação. Desta vez, contra o seu melhor amigo. A tentação de querer indagar sobre o relacionamento de Jesus com João, o discípulo amado. O Senhor corrige-o severamente neste ponto: «Que te importa? Segue-me!» (*Jo* 21, 22).

* * *

Vemos que a tentação está sempre presente na vida de Simão Pedro. Ele mostra-nos pessoalmente como progride a fé, confessando e deixando-se pôr à prova. E mostrando outrossim que até o próprio pecado faz parte do progresso da fé. Pedro cometeu o pior dos pecados — renegar o Senhor — e no entanto fizeram-no Papa. É importante que o sacerdote saiba inserir as suas tentações e os seus pecados no âmbito desta oração de Jesus, a fim de que não esmoreça a nossa fé, mas amadureça e por sua vez sirva para fortalecer a fé de quantos nos foram confiados.

Apraz-me repetir que um sacerdote ou um bispo que não se sente pecador, que não se confessa, fecha-se em si mesmo e não progride na fé. Mas é necessário prestar atenção para que a confissão e o discernimento das próprias tentações incluam e tenham em consideração esta intenção pastoral que o Senhor lhes quer conferir.

Narrava um jovem que se recuperava no *Hogar de Cristo* do padre Pepe em Buenos Aires, que a mente se lhe opunha, dizendo-lhe que não devia estar ali, e que ele lutava contra aquele sentimento. E dizia que o padre Pepe o tinha ajudado muito. Certo dia dissera-lhe que já não aguentava, que sentia muita falta da sua família, da sua esposa e dos dois filhos, e que queria ir embora. «Então o sacerdote disse-me: “E antes, quando saías para consumir e vender drogas, não sentias a falta da tua família? Pensavas nela?”». Com a cabeça fiz um sinal afirmativo, em silêncio — disse o homem — e o sacerdote, sem acrescentar mais nada, deu-me uma palmada nas costas e disse-me: «Vai, é suficiente». Come se quisesse dizer-me: dá-te conta do que te acontece e daquilo que dizes. «Agradece ao céu se agora sentes falta».

Aquele homem narrava que o sacerdote era importante, que lhe dizia tudo na cara. E isto ajudava-o a combater, porque era ele que devia sacrificar a própria vontade.

Digo isto para demonstrar que o que ajuda no crescimento da fé é manter unidos o próprio pecado, o desejo de bem do próximo, a ajuda que recebemos e o apoio que nós devemos oferecer. É inútil separá-los: não podemos sentir-nos perfeitos, quando desempenhamos o ministério e, quando pecamos, justificar-nos porque somos como todos os outros. É necessário unir tudo: se fortalecemos a fé dos outros, façamo-lo como pecadores. E quando pecamos, confessemos-nos por aquilo que somos, sacerdotes, frisando que temos uma responsabilidade em relação às pessoas, não somos como todos. Estas duas realidades amalgamam-se bem quando levamos em frente o povo, as nossas ovelhas, especialmente os mais pobres. É o que faz Jesus quando pergunta a Simão Pedro se o ama, sem nada lhe dizer a respeito da dor ou da alegria que este amor lhe causa, levando-o a considerar os seus irmãos deste modo: apascenta as minhas ovelhas, confirma a fé dos teus irmãos. Como se lhe dissesse o que repetiu àquele jovem do *Hogar de Cristo*: «Dá graças se agora sentes falta».

«Dá graças se sentes que tens pouca fé», porque quer dizer que amas os teus irmãos. «Dá graças se te sentes pecador e indigno no ministério», pois significa que entendes que se fazes algo é porque Jesus ora por ti, e sem Ele nada podemos (cf. *Jo* 15, 5).

Diziam os nossos antepassados que a fé aumenta quando realizamos gestos de fé. Simão Pedro é o ícone do homem que em todos os momentos o Senhor Jesus leva a cumprir atos de fé. Quando Simão Pedro entende esta «dinâmica» do Senhor, esta sua pedagogia, não perde a ocasião para discernir, a cada momento, qual gesto de fé pode fazer no seu Senhor. E nisto não se engana. Quando Jesus age como seu Senhor, atribuindo-lhe o nome de Pedro, Simão deixa-o agir. O seu «assim seja» é silencioso, como aquele de São José, demonstrando-se real ao longo da sua vida. Quando o Senhor o exalta e humilha, Simão Pedro não olha para si mesmo, mas presta atenção para aprender a lição do que vem do Pai ou daquilo que provém do diabo. Quando o Senhor o repreende, porque se tinha engrandecido, deixa-se corrigir. Quando o Senhor lhe mostra de modo divertido que não se deve disfarçar diante dos cobradores de impostos, vai pescar peixes com a moeda. Quando o Senhor o humilha, renunciando que o havia de renegar, é sincero e diz o que sente, como o será quando chorar amargamente, deixando-se perdoar. Houve numerosos momentos muito diferentes na sua vida, e no entanto há uma única lição: a do Senhor

que confirma a sua fé, a fim de que ele possa corroborar a fé do seu povo. Peçamos também nós a Pedro que nos confirme na fé, a fim de que nós, por nossa vez, possamos confirmar a fé dos nossos irmãos.

[1] Cf. *Discurso aos Representantes Pontifícios*, 21 de junho de 2013.

[2] Cf. nn. **160, 161, 164** e **190**.

[3] Cf. J. M. Bergoglio, *Mensagem durante a Missa para a Educação*, Páscoa de 2008.

[4] *Un fuego que enciende otros fuegos*, Santiago de Chile, 2004, 69-70; cf. *Documento de Aparecida*, 191.

[5] Vejam-se também os *Exercícios Espirituais*, 333: «Quinta regra. Devemos prestar muita atenção ao rumo dos nossos pensamentos. Se nos pensamentos tudo for bom, o princípio, o meio e o fim, e se tudo estiver norteado para o bem, este é um sinal do anjo bom. Ao contrário, pode ser que no rumo dos pensamentos se apresente algo mau ou distrativo, ou então menos bom do que aquilo que antes a alma se tinha proposto realizar, ou ainda algo que debilite a alma, que a torne inquieta, que a ponha em agitação, privando-o da paz, da tranquilidade e da calma das quais precedentemente gozava: isto, então, é um claro sinal de que aqueles pensamentos derivam do espírito maligno, inimigo do nosso bem e da nossa salvação eterna».

[6] Cf. *Homilia em Santa Marta*, 3 de junho de 2014. Recordemos que o Senhor reza a fim de sermos todos um só, para que o Pai nos proteja do diabo e do mundo, para que nos perdoe quando «não sabemos o que fazemos».

[7] Trata-se de pensamentos que o Senhor discerne nos seus discípulos quando, Ressuscitado, lhes diz: «Por que estais perturbados, e por que tendes estas dúvidas nos vossos corações?» (*Lc 24, 38*).

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE MÚSICA SACRA, Sala Clementina, sábado, 4 de março de 2017

Estimados irmãos e irmãs!

É com prazer que me encontro com todos vós, vindos a Roma de vários países para participar no Congresso sobre «Música e Igreja: culto e cultura cinquenta anos depois da Instrução *Musicam sacram*», organizado pelo Pontifício Conselho para a Cultura e pela Congregação para a Educação Católica, em colaboração com o Pontifício Instituto de Música Sacra e o Pontifício Instituto Litúrgico do Ateneu Santo Anselmo. Saúdo cordialmente todos vós, a começar pelo Cardeal Gianfranco Ravasi, a quem agradeço a sua introdução. Faço votos a fim de que a experiência de encontro e de diálogo vivida nestes dias, na reflexão comum sobre a música sacra e particularmente sobre os seus aspetos culturais e artísticos, seja frutuosa para as comunidades eclesiais.

Meio século depois da Instrução *Musicam sacram*, este congresso quis aprofundar, numa ótica interdisciplinar e ecuménica, a relação atual entre a música sacra e a cultura contemporânea, entre o repertório musical adotado e utilizado pela comunidade cristã e as tendências musicais predominantes. De grande relevo foi também a reflexão sobre a formação estética e musical, tanto do clero e dos religiosos, como dos leigos comprometidos na vida pastoral, e mais diretamente nas *scholae cantorum*.

O primeiro documento emanado pelo Concílio Vaticano II foi exatamente a Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum concilium*. Os Padres conciliares conheciam bem a dificuldade que os fiéis tinham em participar numa liturgia da qual já não compreendiam plenamente a linguagem, as palavras e os sinais. Para concretizar as linhas fundamentais traçadas pela Constituição, foram emanadas algumas *Instruções*, entre as quais precisamente uma sobre a música sacra. Desde então, embora não tenham sido redigidos novos documentos magisteriais sobre esta temática, houve diversas e significativas intervenções pontifícias que orientaram a reflexão e o compromisso pastoral.

Ainda é de grande atualidade a premissa da mencionada *Instrução*: «A ação litúrgica reveste-se de maior nobreza quando é celebrada com o canto: cada um dos ministros desempenha a função que lhe é própria e o povo participa. Desta maneira, a oração adquire uma forma mais jubilosa; o Mistério da sagrada Liturgia e a sua natureza hierárquica manifestam-se mais claramente; mediante a união das vozes alcança-se uma união mais profunda dos corações; através do esplendor das realidades sagradas, o espírito eleva-se mais facilmente até às realidades celestiais; finalmente, toda a celebração prefigura com maior clareza a sagrada Liturgia que se celebra na Jerusalém celeste» (n. 5).

Seguindo as indicações conciliares, o Documento salienta várias vezes a importância da participação de toda a assembleia dos fiéis, definida «ativa, consciente e plena», realçando também de maneira muito clara que a «verdadeira solenidade da ação litúrgica não depende tanto de uma forma rebuscada do canto ou de uma celebração magnificente das cerimónias, quanto de uma celebração digna e religiosa» (n. 11). Por conseguinte, trata-se antes de tudo de participar intensamente no Mistério de Deus, na «teofania» que se realiza em cada celebração eucarística, na qual o Senhor se torna presente no meio do seu povo, chamado a participar realmente na salvação atuada por Cristo morto e ressuscitado. Portanto, a participação ativa e consciente consiste em conseguir entrar profundamente neste Mistério, em saber contemplá-lo, adorá-lo e recebê-lo, em compreender o seu sentido, de forma particular graças ao silêncio religioso e à «musicalidade da linguagem com que o Senhor nos fala» (*Homilia em Santa Marta*, 12 de dezembro de 2013). É nesta perspetiva que se desenvolve a reflexão sobre a renovação da música sacra e a sua preciosa contribuição.

A tal propósito, sobressai a dúplice missão que a Igreja é chamada a cumprir especialmente através de quantos, de vários modos, trabalham neste setor. Sob um certo ponto de vista, trata-se de salvaguardar e de valorizar a rica e variegada herança legada do passado, utilizando-a com equilíbrio no presente e evitando o risco de uma visão nostálgica ou «arqueológica». Por outro lado, é necessário fazer com que a música sacra e o canto litúrgico sejam plenamente «inculturados» nas linguagens artísticas e musicais da atualidade; ou que saibam encarnar e traduzir a Palavra de Deus em cânticos, sons e harmonias que façam vibrar o coração dos nossos contemporâneos, criando inclusive um oportuno clima emotivo, que predisponha para a fé e suscite o acolhimento e a plena participação no Mistério que se celebra.

Sem dúvida, o encontro com a modernidade e a introdução das línguas faladas na Liturgia suscitou numerosos problemas: de linguagens, de formas e de géneros musicais. Às vezes chegou a predominar uma certa mediocridade, superficialidade e banalidade, em detrimento da beleza e da intensidade das celebrações litúrgicas. Por isso, os vários protagonistas deste setor, músicos e compositores, maestros e coristas das *scholae cantorum* e animadores da liturgia podem oferecer uma contribuição preciosa para a renovação, sobretudo qualitativa, da música sacra e do canto litúrgico. Para favorecer este percurso, é necessário promover uma adequada formação musical, inclusive em quantos se preparam para se tornar sacerdotes, no diálogo com as correntes musicais da nossa época, com as instâncias das diferentes áreas culturais e em atitude de ecumenismo.

Caros irmãos e irmãs, agradeço-vos mais uma vez o vosso compromisso no âmbito da música sacra. Que vos acompanhe a Virgem Maria, a qual no *Magnificat* decantou a santidade misericordiosa de Deus. Encorajo-vos a não perder de vista este objetivo importante: ajudar a assembleia litúrgica e o povo de Deus a experimentar e a participar, com todos os sentidos físicos e espirituais, no Mistério de Deus. A música sacra e o canto litúrgico têm a tarefa de nos conferir o sentido da glória de Deus, da sua beleza e da sua santidade, que nos envolve como uma «nuvem luminosa».

Peço-vos, por favor, que rezeis por mim. E concedo-vos de coração a Bênção apostólica.

ISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS VOLUNTÁRIOS DO "TELEFONO AMICO ITÁLIA", Sala Clementina, sábado, 11 de março de 2017

Queridos irmãos e irmãs!

Tenho o prazer de vos receber por ocasião dos 50 anos de atividade de *Telefono Amico Itália*, e agradeço ao Presidente as palavras de saudação.

A vossa Associação está comprometida em apoiar quantos se encontram em condições de solidão, desorientação e necessitam de escuta, compreensão e ajuda moral. Trata-se de um serviço importante, especialmente no hodierno contexto social, marcado por múltiplas dificuldades, causadas pelo isolamento e pela falta de diálogo. As grandes cidades, não obstante sejam superpovoadas, são emblema de um estilo de vida pouco humano com o qual os indivíduos se estão a acostumar: indiferença generalizada, comunicação cada vez mais virtual e menos pessoal, falta de valores firmes sobre os quais fundar a existência, cultura do haver e do aparecer. Neste contexto, é indispensável favorecer o *diálogo* e a *escuta*.

O *diálogo* permite conhecer-se e compreender as exigências recíprocas. Em primeiro lugar, ele manifesta um grande respeito, porque coloca as pessoas numa atitude de abertura recíproca, para

compreender os aspetos melhores do interlocutor. Além disso, o diálogo é expressão de caridade porque, mesmo não ignorando as diferenças, pode ajudar a procurar e compartilhar percursos em vista do bem comum. Através do diálogo podemos aprender a ver o outro não como uma ameaça, mas como um dom de Deus, que nos interpela e nos pede para ser reconhecido. Dialogar ajuda as pessoas a humanizar as relações e a superar as incompreensões. Se houvesse mais diálogo — mas diálogo verdadeiro! — nas famílias, nos ambientes de trabalho, na política, resolver-se-iam mais facilmente muitas questões! Quando não há diálogo, crescem os problemas, aumentam os equívocos e as divisões.

Condição do diálogo é a capacidade de *escuta*, que infelizmente não é muito comum. Escutar o outro exige paciência e atenção. Só quem sabe estar em silêncio, sabe escutar. Não se pode escutar falando: boca fechada. Escutar Deus, escutar o irmão e a irmã que precisa de ajuda, escutar um amigo, um familiar. O próprio Deus é o exemplo mais excelente de escuta: todas as vezes que rezamos, Ele escuta-nos, sem pedir nada e até nos precede e toma a iniciativa (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 24) atendendo os nossos pedidos de ajuda. A capacidade de escuta, da qual Deus é modelo, encoraja-nos a abater os muros das incompreensões, a criar pontes de comunicação, superando o isolamento e o fechamento no nosso pequeno mundo. Alguém dizia: para fazer a paz, no mundo, faltam ouvidos, faltam pessoas que saibam escutar, e a partir dali depois vem o diálogo.

Caros amigos, através do diálogo e da escuta podemos contribuir para a construção de um mundo melhor, tornando-o lugar de acolhimento e respeito, contrastando assim as divisões e os conflitos. Encorajo-vos a prosseguir com entusiasmo renovado o vosso serviço precioso à sociedade, para que ninguém permaneça isolado, a fim de que não se cortem os laços do diálogo, e para que nunca venha a faltar a escuta, que é a manifestação mais simples de caridade em relação aos irmãos.

Enquanto conto com as vossas orações, confio-vos à proteção da Virgem Maria, Mulher do silêncio e da escuta, e de coração vos abençoo a vós, os vossos colaboradores e quantos “encontrais” — telefonicamente — no vosso trabalho quotidiano. Obrigado.

[*Bênção*]

E rezai por mim!

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO XXVIII CURSO SOBRE O FORO INTERNO ORGANIZADO PELA PENITENCIARIA APOSTÓLICA

Sala Paulo VI, sexta-feira, 17 de março de 2017

Estimados irmãos!

É com prazer que me encontro convosco, nesta primeira audiência depois do Jubileu da Misericórdia, por ocasião do anual Curso sobre o Foro Interno. Dirijo uma saudação cordial ao Cardeal Penitenciário-Mor, enquanto lhe agradeço as amáveis expressões. Saúdo o Regente, os Prelados, os Oficiais e os Funcionários da Penitenciaria, os Colégios dos penitencieiros ordinários e extraordinários das Basílicas Papais na Urbe, e todos vós participantes neste curso.

Na realidade, confesso-vos, o da Penitenciaria é um tipo de Tribunal que realmente me agrada, porque se trata de um tribunal da misericórdia», ao qual nos dirigimos para receber o remédio indispensável para a nossa alma, que é a Misericórdia divina!

O vosso curso sobre o foro interno, que contribui para a *formação de bons confessores*, é útil como nunca, e diria até necessário nos dias de hoje. Sem dúvida, não nos tornamos bons confessores graças a um curso, não: a do confessor é uma «longa escola», que dura a vida inteira. Mas quem é o «bom confessor»? Como nos tornamos bons confessores?

A este propósito, gostaria de indicar três aspetos.

1. O «bom confessor» é, acima de tudo, um verdadeiro *amigo de Jesus Bom Pastor*. Sem esta amizade, será muito difícil amadurecer aquela paternidade, tão necessária no ministério da Reconciliação. Ser amigo de Jesus significa antes de tudo cultivar a *oração*. Quer uma prece pessoal com o Senhor, pedindo-lhe incessantemente o dom da caridade pastoral; quer uma oração específica para cumprir a tarefa de confessor e para os fiéis, irmãos e irmãs que se aproximam de nós em busca da misericórdia de Deus.

Um ministério da Reconciliação «imbuído de oração» será um reflexo credível da misericórdia de Deus e evitará os dissabores e as incompreensões que, às vezes, se poderiam gerar até no encontro sacramental. O confessor que reza sabe bem que ele mesmo é o primeiro pecador, o primeiro perdoado.

Não se pode perdoar no Sacramento sem a consciência de ter sido perdoado primeiro. E por conseguinte a oração é a garantia primordial para evitar todas as atitudes de severidade, que inutilmente julga o pecador e não o pecado.

Na oração é necessário implorar a dádiva de um coração ferido, capaz de compreender as chagas do próximo e de as curar com o azeite da misericórdia, com aquele que o bom samaritano derramou sobre as feridas daquela pobre vítima, de quem ninguém tinha piedade (cf. *Lc 10, 34*).

Na oração devemos pedir a preciosa dádiva da humildade, para que se manifeste cada vez mais claramente que o perdão é um dom gratuito e sobrenatural de Deus, do qual nós somos simples e necessários administradores, pela própria vontade de Jesus; e sem dúvida será do seu agrado se recorrermos generosamente à sua misericórdia.

Além disso, na oração nós invocamos sempre o Espírito de discernimento e de compaixão. O Espírito permite que nos identifiquemos com as dores das irmãs e dos irmãos que se aproximam do confessionário, acompanhando-os com discernimento prudente e maduro, e com verdadeira compaixão pelos seus sofrimentos, causados pela pobreza do pecado.

2. Em segundo lugar, o bom confessor é um *homem do Espírito*, um homem do *discernimento*. Quanto mal se causa à Igreja pela falta de discernimento! Quanto mal se provoca às almas com ações que não afundam as suas raízes na escuta humilde do Espírito Santo e da vontade de Deus. O confessor não cumpre a sua vontade pessoal e não ensina uma sua doutrina. Ele é chamado a cumprir sempre e unicamente a vontade de Deus, em plena comunhão com a Igreja da qual é ministro, ou seja, servo.

O discernimento permite distinguir sempre, para não confundir, para nunca «medir tudo pela mesma bitola». O discernimento educa o olhar e o coração, permitindo assim aquela delicadeza de espírito tão necessária diante de quantos nos abrem o sacrário da própria consciência para receber a sua luz, paz e misericórdia.

O discernimento é necessário também porque aquele que se aproxima do confessionário pode provir das situações mais diversas; poderia até sofrer de algum distúrbio espiritual, cuja natureza deve ser submetida a um discernimento atento, tendo em consideração todas as circunstâncias existenciais, eclesiais, naturais e sobrenaturais. Se o confessor se der conta da presença de verdadeiros distúrbios espirituais — que também podem ser em grande parte psíquicos, e isto deve ser averiguado através de uma sadia colaboração com as ciências humanas — não deve hesitar em consultar aqueles que, na diocese, estão encarregados deste ministério delicado e necessário, ou seja, os exorcistas. Mas estes devem ser escolhidos com muito cuidado e com grande prudência.

3. Finalmente, o confessionário é inclusive um *lugar de evangelização*. Com efeito, não existe evangelização mais autêntica do que o encontro com o Deus da misericórdia, com o Deus que é Misericórdia! Encontrar a misericórdia significa encontrar o verdadeiro rosto de Deus, assim como o Senhor Jesus no-lo revelou.

Então, o confessionário é um lugar de evangelização e de formação. No breve diálogo que mantém com o penitente, o confessor está chamado a discernir o que é mais útil e até necessário para o caminho espiritual daquele irmão ou daquela irmã; às vezes será preciso voltar a anunciar as verdades de fé mais elementares, o núcleo incandescente, o *querigma* sem o qual a própria experiência do amor de Deus e da sua misericórdia permaneceria como que emudecida; por vezes será oportuno indicar os fundamentos da vida moral, sempre em relação à verdade, ao bem e à vontade do Senhor. Trata-se de uma obra de discernimento imediato e inteligente, que pode fazer um grande bem aos fiéis.

Com efeito, o confessor está chamado diariamente a ir às «periferias do mal e do pecado» — esta é uma má periferia! — e a sua obra representa autêntica prioridade pastoral. Confessar é uma prioridade pastoral. Por favor, que não haja mais cartazes como estes: «Só confessamos às segundas e quartas-feiras, de tal hora a tal hora». Há que confessar sempre que nos pedirem. E se estás ali [no confessionário] em oração, deixa o confessionário aberto, pois ele é o Coração de Deus aberto.

Caros irmãos, abençoo-vos e desejo-vos que sejais bons confessores: imersos na relação com Cristo, capazes de discernimento no Espírito Santo e prontos para aproveitar a ocasião de evangelizar.

Orai sempre pelos irmãos e pelas irmãs que se aproximam do Sacramento do perdão. Por favor, rezai também por mim!

Eu não gostaria de concluir sem antes dizer algo que me veio ao pensamento, enquanto o Cardeal Prefeito falava. Ele referiu-se a duas chaves e a Nossa Senhora, e gostei disto, e agora digo-vos uma... duas coisas. Fez-me muito bem, quando eu era jovem, ler o livro de Santo Afonso Maria de Ligório sobre Nossa Senhora: *As glórias de Maria*. No final de cada capítulo, há sempre a descrição de um

milagre de Nossa Senhora, com o qual ela entra na vida e resolve os problemas. E agora a segunda coisa. Disse-me que no sul da Itália existe uma lenda, uma tradição sobre Nossa Senhora: a Nossa Senhora das tangerinas. É uma terra onde há muitas tangerinas, não é verdade? E dizem que é a padroeira dos ladrões [ri, riem]. Dizem que os ladrões vão rezar ali. E a lenda — assim dizem — é que os ladrões que rezam a Nossa Senhora das tangerinas, quando morrem, veem a fila diante de Pedro que com as chaves abre a porta e deixa entrar uma pessoa e depois volta a abri-la e a deixar passar outra; mas quando vê um deles, Nossa Senhora faz-lhe um sinal para se esconder e depois, quando todos passam, ao cair da noite, Pedro fecha a porta e Nossa Senhora chama-o e deixa-o passar pela janela. Trata-se de um conto popular, mas é muito bonito: perdoar com a Mãe ao lado; perdoar com a Mãe. Porque a mulher, o homem que vai ao confessionário tem uma Mãe no Céu, que lhe abrirá a porta e o ajudará no momento de entrar no Céu. Sempre Nossa Senhora, porque Ela nos ajuda também a nós na prática da misericórdia. Agradeço ao Cardeal estes dois símbolos: as chaves e Nossa Senhora. Muito obrigado!

Convido-vos — é hora — a recitar juntos o *Angelus*: «Angelus Domini...».

[Bênção].

Não digais que os ladrões vão para o Céu! Não o digais [ri, riem]!

-----,
DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS CHEFES DE ESTADO E DE GOVERNO DA UNIÃO EUROPEIA VINDOS À ITÁLIA PARA AS CELEBRAÇÕES DO 60º ANIVERSÁRIO DO "TRATADO DE ROMA", Sala Régia, sexta-feira, 24 de março de 2017

Ilustres Hóspedes!

Agradeço-vos a presença aqui nesta tarde, na vigília do sexagésimo aniversário da assinatura dos Tratados fundacionais da Comunidade Económica Europeia e da Comunidade Europeia da Energia Atómica. Desejo manifestar a cada um de vós a estima que a Santa Sé nutre pelos respetivos Países e pela Europa inteira, a cujos destinos se encontra, por disposição da Providência, indivisivelmente ligada. Exprimo a minha gratidão em particular ao Primeiro-Ministro Paolo Gentiloni, Presidente do Conselho de Ministros da República Italiana, pelas deferentes palavras que me dirigiu em nome de todos e pelo esforço feito pela Itália na preparação deste encontro; bem como ao Deputado Antonio Tajani, Presidente do Parlamento Europeu, que deu voz às esperanças dos povos da União, na presente ocorrência.

O regresso a Roma sessenta anos depois não se pode limitar a uma viagem de recordações, mas deve ser motivado sobretudo pelo desejo de redescobrir a memória viva daquele evento para compreender o seu alcance na hora presente. É preciso compenetrar-se dos desafios de então, para se enfrentar os de hoje e de amanhã. A Bíblia, com as suas narrações repletas de evocações, oferece-nos um método pedagógico fundamental: não se pode compreender o tempo que vivemos sem o passado, entendido não como um conjunto de acontecimentos distantes, mas como a seiva vital que rega o presente. Sem esta consciência, a realidade perde a sua unidade, a história o seu fio lógico, e a humanidade o sentido das suas ações e a direção do seu porvir.

O dia 25 de março de 1957 constituiu uma data cheia de anseios e esperanças, de entusiasmo e trepidação, e somente um evento excepcional pelo seu alcance e consequências históricas poderia torná-la única na história. A memória daquele dia une-se às esperanças de hoje e aos anseios dos povos europeus, que pedem para se discernir o presente a fim de prosseguir, com renovado ardor e confiança, o caminho iniciado.

Disto mesmo estavam bem conscientes os Pais fundadores e os líderes que, ao colocar a própria assinatura nos dois Tratados, deram vida à realidade política, económica, cultural e sobretudo humana, que hoje chamamos União Europeia. Por outro lado, como disse Spaak, Ministro dos Negócios Estrangeiros belga, tratava-se — «é verdade — do bem-estar material dos nossos povos, da expansão das nossas economias, do progresso social e de possibilidades industriais e comerciais totalmente novas, mas sobretudo (...) [de] uma particular conceção da vida, fraterna e justa, à medida do homem».^[1]

Depois dos anos tenebrosos e cruentos da II Guerra Mundial, os líderes de então acreditaram na possibilidade dum futuro melhor, «encheram-se audácia e não demoraram a agir. A recordação das desgraças passadas e das suas culpas parece tê-los inspirado e dado a coragem necessária para esquecer

velhas rivalidades e pensar e agir de modo verdadeiramente novo para realizar a maior transformação (...) da Europa».[2]

Os Pais fundadores recordam-nos que a Europa não é um conjunto de regras a observar, nem um prontuário de protocolos e procedimentos a seguir. A Europa é uma vida, um modo de conceber o homem a partir da sua dignidade transcendente e inalienável, e não apenas como um conjunto de direitos a defender nem de pretensões a reivindicar. Na origem da ideia da Europa, temos «a figura e a responsabilidade da pessoa humana, com o seu fermento de fraternidade evangélica, (...) com a sua vontade de verdade e de justiça, adquirida por uma experiência milenária».[3] Roma, com a sua vocação à universalidade,[4] é o símbolo desta experiência e, por isso, foi escolhida como lugar para a assinatura dos Tratados, pois aqui «foram lançadas – recordou Luns, Ministro dos Negócios Estrangeiros holandês – as bases políticas, jurídicas e sociais da nossa civilização».[5]

Se estava claro, desde o princípio, que o coração pulsante do projeto político europeu só podia ser o homem, evidente era igualmente o risco de que os Tratados permanecessem letra morta. Estes deviam ser preenchidos de espírito vital. E o primeiro elemento da vitalidade europeia é a solidariedade. «A Comunidade Económica Europeia – afirmava Bech, Primeiro-Ministro luxemburguês – só viverá e terá sucesso se, durante a sua existência, permanecer fiel ao espírito de solidariedade europeia que a criou, e se a vontade comum da Europa em gestação for mais forte do que as vontades nacionais».[6] Este espírito é ainda mais necessário hoje, face aos ímpetus centrífugos, bem como à tentação de reduzir os ideais fundantes da União às necessidades produtivas, económicas e financeiras.

Da solidariedade nasce a capacidade de se abrir aos outros. «Os nossos planos não são de natureza egoísta»,[7] disse o Chanceler alemão Adenauer. «Sem dúvida, os países que estão para se unir (...) não pretendem isolar-se do resto do mundo nem erigir à sua volta barreiras intransponíveis»,[8] rebateu Pineau, Ministro dos Negócios Estrangeiros francês. Num mundo que conhecia bem o drama de muros e divisões, sentia-se claramente a importância de trabalhar por uma Europa unida e aberta e a vontade comum de se esforçar por remover aquela barreira antinatural que dividia o continente do Mar Báltico ao Adriático. Quanta fadiga para fazer cair aquele muro! E todavia hoje perdeu-se a memória daquela fadiga. Perdeu-se também a consciência do drama de famílias separadas, da pobreza e da miséria que aquela divisão provocou. Lá onde gerações anelavam por ver cair os sinais duma inimizade forçada, agora discute-se como deixar fora os «perigos» do nosso tempo, a começar pela longa fila de mulheres, homens e crianças, em fuga de guerra e pobreza, que pedem apenas a possibilidade dum futuro para si e para os seus entes queridos.

No vazio de memória que caracteriza os nossos dias, esquece-se muitas vezes também outra grande conquista, fruto da solidariedade sancionada em 25 de março de 1957: o período mais longo de paz dos últimos séculos. «Povos que muitas vezes, no decurso dos tempos, se encontraram em campos opostos, combatendo uns contra os outros, (...) agora, ao contrário, estão unidos através da riqueza das suas peculiaridades nacionais».[9] A paz edifica-se sempre com a contribuição livre e consciente de cada um. Todavia, «para muitos, [ela] aparece hoje de certo modo como um bem indiscutido»[10] e, por isso, é fácil acabar por a considerar supérflua. Ao contrário, a paz é um bem precioso e essencial, pois sem ela não se é capaz de construir um futuro para ninguém e acaba-se por «viver dia após dia».

De facto a Europa unida nasce a partir dum projeto claro, bem definido, adequadamente ponderado, embora inicialmente apenas embrionário. Todo o bom projeto olha para o futuro, e o futuro são os jovens, chamados a realizar as promessas do futuro.[11] Assim, nos Pais fundadores, era clara a consciência de ser parte duma obra comum, que não só ultrapassava as fronteiras dos Estados, mas também os confins do tempo, de modo a unir as gerações entre si, participando todas igualmente na construção da casa comum.

Ilustres Hóspedes!

Dediquei esta primeira parte da minha intervenção aos Pais da Europa, para nos deixarmos interpelar pelas suas palavras, pela atualidade do seu pensamento, pelo esforço apaixonado pelo bem comum que os caracterizou, pela certeza de serem parte duma obra maior que eles próprios e pela amplidão do ideal que os animava. O seu denominador comum era o espírito de serviço, unido à paixão política e à consciência de que «na origem da civilização europeia se encontra o cristianismo»,[12] sem o qual os valores ocidentais de dignidade, liberdade e justiça são em grande medida incompreensíveis. «E ainda nos nossos dias – afirmava São João Paulo II – a alma da Europa permanece unida, porque, além da sua origem comum, tem idênticos valores cristãos e humanos, como são os da dignidade da pessoa humana, do profundo sentimento da justiça e liberdade, da laboriosidade, do espírito de

iniciativa, do amor à família, do respeito à vida, de tolerância e de desejo de cooperação e de paz, que são notas que a caracterizam»^[13] Neste nosso mundo multicultural, tais valores continuarão a gozar de plena cidadania se souberem manter o seunexo vital com a raiz que os gerou. Na fecundidade deste nexos, está a possibilidade de edificar sociedades autenticamente laicas, livres de contraposições ideológicas, onde encontram igualmente lugar o migrante e o autóctone, o crente e o não crente.

Nos últimos sessenta anos, o mundo mudou muito. Se os Pais fundadores, que sobreviveram a um conflito devastador, estavam animados pela esperança dum futuro melhor e determinados pela vontade de o alcançar, evitando a aparição de novos conflitos, o nosso tempo está mais dominado pelo conceito de crise. Há a crise económica, que caracterizou o último decénio, há a crise da família e de modelos sociais consolidados, há uma generalizada «crise das instituições» e a crise dos migrantes: tantas crises que originam o medo e o transtorno profundo do homem contemporâneo, que pede uma nova hermenêutica para o futuro. Todavia o termo «crise» não tem, de per si, uma conotação negativa. Não indica apenas um momento triste, que se deve superar. A palavra crise tem origem no verbo grego *crino* (κρίνω), que significa *investigar, avaliar, julgar*. Assim o nosso tempo é um tempo de discernimento, que nos convida a avaliar o essencial e a construir sobre ele: é, pois, um tempo de desafios e oportunidades.

Qual é então a hermenêutica, a chave interpretativa com que podemos ler as dificuldades do presente e encontrar respostas para o futuro? De facto, a evocação do pensamento dos Pais seria estéril, se não servisse para nos indicar um caminho, se não se tornasse estímulo para o futuro e fonte de esperança. Todo o corpo que perde o sentido do seu caminho, ao qual acaba por faltar este olhar para o futuro, começa por sofrer uma involução e, com o passar do tempo, corre o risco de morrer. Então qual é a herança dos Pais fundadores? Que perspectivas nos indicam para enfrentar os desafios que nos esperam? Qual a esperança para a Europa de hoje e de amanhã?

As respostas, encontramos-las precisamente nos pilares sobre os quais eles quiseram edificar a Comunidade Económica Europeia e que já recordei: a centralidade do homem, uma solidariedade concreta, a abertura ao mundo, a busca da paz e do desenvolvimento, a abertura ao futuro. A quem governa compete *discernir as estradas da esperança* – esta é a vossa tarefa: discernir as estradas da esperança –, identificar os percursos concretos para se conseguir que os significativos passos realizados até agora não fiquem perdidos, mas sejam penhor dum caminho longo e frutuoso.

A *Europa reencontra esperança*, quando o homem é o centro e o coração das suas instituições. Considero que isto implique a escuta atenta e confiante das instâncias que provêm tanto dos indivíduos, como da sociedade e dos povos que compõe a União. Infelizmente tem-se, com frequência, a sensação de estar a verificar-se um «distanciamento afetivo» entre os cidadãos e as instituições europeias, sentidas muitas vezes como distantes e não atentas às diversas sensibilidades que constituem a União. Afirmar a centralidade do homem significa também reencontrar aquele *espírito de família*, em que cada um contribui, livremente, segundo as próprias capacidades e dons para a casa comum. Convém ter presente que a Europa é uma *família de povos*^[14] e – como em toda a boa família – existem suscetibilidades diferentes, mas todos podem crescer na medida em que estiverem unidos. A União Europeia nasce como *unidade das diferenças e unidade nas diferenças*. Por isso, não devem meter medo as peculiaridades, nem se pode pensar que *a unidade seja preservada da uniformidade*. Aquela é, antes, a *harmonia* duma comunidade. Os Pais fundadores escolheram precisamente este termo como charneira das entidades que nasciam dos Tratados, sublinhando o facto de se *pôr em comum* os recursos e os talentos de cada um. Hoje a União Europeia precisa de redescobrir o sentido de ser, antes de tudo, «comunidade» de pessoas e de povos, consciente de que «o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas»^[15], pelo que «é preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos».^[16] Os Pais fundadores buscavam uma harmonia tal, que o todo esteja em cada uma das partes, e as partes estejam – cada uma com a própria originalidade – no todo.

A *Europa reencontra esperança*na solidariedade, que é também o antídoto mais eficaz para os populismos modernos. A solidariedade inclui a consciência de ser parte de um só corpo e, ao mesmo tempo, implica a capacidade que tem cada um dos membros de «simpatizar» com o outro e com o todo. Se um sofre, todos sofrem (cf. *1 Cor 12, 26*). Assim também nós, hoje, choramos com a Inglaterra as vítimas do atentado que feriu Londres há dois dias. A solidariedade não é um propósito bom: caracteriza-se por factos e gestos concretos, que nos tornam vizinhos do próximo, em qualquer condição que ele se encontre. Pelo contrário, os populismos florescem precisamente do egoísmo, que fecha num círculo restrito e sufocante não permitindo superar a limitação dos próprios pensamentos para «olhar

mais além». É preciso recomeçar a pensar de modo europeu, para esconjurar o perigo oposto duma vaga uniformidade, ou mesmo *o triunfo dos particularismos*. Cabe à política tal liderança ideal, que evite apoiar-se nas emoções para ganhar consensos, elaborando antes, num espírito de solidariedade e subsidiariedade, políticas que façam crescer toda a União num desenvolvimento tão harmonioso que, quem conseguir correr mais rápido, possa estender a mão a quem vai mais devagar e, quem sente mais dificuldades, procure alcançar quem está na frente.

A *Europa reencontra esperança* quando não se fecha no medo de falsas seguranças. Ao contrário, a sua história está fortemente determinada pelo encontro com outros povos e culturas, e a sua identidade «é, e sempre foi, uma identidade dinâmica e multicultural».[17] O mundo olha com interesse para o projeto europeu. Assim aconteceu desde o primeiro dia, com a multidão comprimida na Praça do Campidoglio e com as mensagens de congratulação que chegaram de outros Estados. E ainda maior interesse há hoje, a começar pelos países que pedem para entrar e fazer parte da União, bem como pelos Estados que recebem as ajudas que lhes são oferecidas, com viva generosidade, para enfrentar as consequências da pobreza, das doenças e das guerras. A abertura ao mundo implica a capacidade de «diálogo como forma de encontro»[18] a todos os níveis, desde o diálogo entre os Estados membros e entre as Instituições e os cidadãos, até ao diálogo com os numerosos imigrantes que chegam às costas da União. Não se pode limitar a gerir a grave crise migratória destes anos como se fosse apenas um problema numérico, económico ou de segurança. A questão migratória põe uma questão mais profunda, que é, antes de tudo, cultural. Que cultura propõe a Europa hoje? Com efeito o medo, que frequentemente se nota, tem a sua causa mais radical na perda de ideais. Sem um verdadeiro ideal em perspectiva, acaba-se por ficar dominado pelo temor que o outro nos arranque dos hábitos consolidados, prive dos confortos adquiridos, ponha de certo modo em discussão um estilo de vida feito com muita frequência apenas de bem-estar material. Pelo contrário, a riqueza da Europa sempre foi a sua abertura espiritual e a capacidade de se pôr questões fundamentais sobre o sentido da existência. À abertura para o sentido do eterno corresponde também uma abertura positiva, embora não livre de tensões e erros, para o mundo. Inversamente, o bem-estar adquirido parece ter-lhe atado as asas e feito abaixar o olhar. A Europa tem um património ideal e espiritual único no mundo que merece ser reproposto com paixão e renovado frescor, sendo o melhor remédio contra o *vazio de valores* do nosso tempo, terreno fértil para toda a forma de extremismo. São estes os ideais que tornaram a Europa aquela «península da Ásia» que chega dos Urais ao Atlântico.

A *Europa reencontra esperança*, quando investe no desenvolvimento e na paz. O desenvolvimento não é fruto de um conjunto de técnicas produtivas; mas diz respeito ao ser humano inteiro: a dignidade do seu trabalho, condições de vida adequadas, a possibilidade de acesso à instrução e aos cuidados médicos necessários. Como afirmava Paulo VI, «o desenvolvimento é o novo nome da paz»,[19] pois não há verdadeira paz, quando existem pessoas marginalizadas ou obrigadas a viver na miséria. Não há paz, onde falta trabalho ou a perspectiva dum salário digno. Não há paz nas periferias das nossas cidades, onde se propagam droga e violência.

A *Europa reencontra esperança*, quando se abre ao futuro. Quando se abre aos jovens, oferecendo-lhes perspectivas sérias de educação, reais possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Quando investe na família, que é a célula primeira e fundamental da sociedade. Quando respeita a consciência e os ideais dos seus cidadãos. Quando garante a possibilidade de ter filhos, sem o medo de não conseguir mantê-los. Quando defende a vida em toda a sua sacralidade.

Ilustres Hóspedes!

Hoje, no geral alongamento das perspectivas de vida, sessenta anos são considerados o tempo da plena maturidade. Uma idade crucial em que nos sentimos chamados, mais uma vez, a pôr-nos em discussão. Também a União Europeia é chamada, hoje, a pôr-se em discussão, cuidar dos inevitáveis achaques que chegam com os anos e encontrar percursos novos para prosseguir o próprio caminho. Entretanto a União Europeia, diversamente de um ser humano de sessenta anos, não tem diante de si uma velhice inevitável, mas a possibilidade duma nova juventude. O seu sucesso dependerá da vontade de voltar a trabalhar juntos e do desejo de apostar no futuro. Caberá a vós, como líderes, discernir o caminho dum «novo humanismo europeu».[20] feito de ideais e concretizações. Isto significa não ter medo de assumir decisões eficazes, capazes de responder aos problemas reais das pessoas e resistir à prova do tempo.

Pela minha parte, posso apenas assegurar a proximidade da Santa Sé e da Igreja à Europa inteira, para cuja edificação desde sempre contribuiu e sempre contribuirá, invocando sobre ela a bênção do

Senhor, para que a proteja e lhe dê paz e progresso. Por isso faço minhas as palavras que Joseph Bech pronunciou no Campidoglio: *Ceterum censeo Europam esse aedificandam* – de resto, penso que a Europa mereça ser construída.

Obrigado!

[1] P. H. Spaak, *Discurso pronunciado por ocasião da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de março de 1957.

[2] *Ibidem*.

[3] A. De Gasperi, *A Europa nossa pátria*. Discurso na Conferência Parlamentar Europeia, 21 de abril de 1954, in: *Alcide De Gasperi e la politica internazionale*, Cinque Lune, Roma 1990, vol. III, 437-440.

[4] Cf. P. H. Spaak, *Discurso*, cit.

[5] J. Luns, *Discurso pronunciado por ocasião da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de março de 1957.

[6] J. Bech, *Discurso pronunciado por ocasião da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de março de 1957.

[7] K. Adenauer, *Discurso pronunciado por ocasião da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de março de 1957.

[8] C. Pineau, *Discurso pronunciado por ocasião da assinatura dos Tratados de Roma*, 25 de março de 1957.

[9] P. H. Spaak, *Discurso*, cit.

[10] Francisco, *Discurso aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, 9 de janeiro de 2017: *L'Osservatore Romano*, 9-10/I/2017, p. 4.

[11] Cf. P. H. Spaak, *Discurso*, cit.

[12] A. De Gasperi, *A Europeanossa pátria*, cit.

[13] *Ato Europeísta*, Santiago de Compostela, 9 de novembro de 1982: AAS 75/I (1983), 329.

[14] Cf. Francisco, *Discurso ao Parlamento Europeu*, Estrasburgo, 25 de novembro de 2014: AAS 106 (2014), 1000.

[15] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 235.

[16] *Ibidem*.

[17] Francisco, *Discurso por ocasião da atribuição do Prémio Carlos Magno*, 6 de maio de 2016: *L'Osservatore Romano*, 6-7/V/2016, p. 4.

[18] Idem, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 239.

[19] Carta enc. *Populorum progressio*, 26 de março de 1967, 87: AAS 59 (1967), 299.

[20] Francisco, *Discurso por ocasião da atribuição do Prémio Carlos Magno*, 6 de maio de 2016: *L'Osservatore Romano*, 6-7/V/2016, p. 5.

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO CAPÍTULO GERAL DA ORDEM DOS CLÉRIGOS REGULARES SOMASCOS, Sala do Consistório, quinta-feira, 30 de março de 2017

Amados Irmãos!

Sinto-me feliz por vos receber e saúdo-vos cordialmente, começando pelo Superior-Geral, ao qual agradeço as suas palavras. O mote que escolhesteis para o vosso Capítulo Geral: «*Passemos para a outra margem juntamente com os nossos irmãos com os quais queremos viver e morrer*», inspira-se nas palavras de Jesus (cf. *Lc* 8, 22) e faz referência a um trecho crucial da história do vosso Instituto, para captar o seu valor profético. Com efeito, a partir de 1921 um pequeno grupo de Somascos deixou as margens europeias para chegar às margens distantes do Continente americano. Tratou-se de uma abertura missionária decisiva, que imprimiu um novo impulso e amplas perspectivas apostólicas à vossa família religiosa.

Agora propusestes-vos voltar às motivações ideais daquele impulso evangelizador, para as concretizar, no hoje da Igreja e da sociedade, fiéis ao carisma do vosso Fundador e tendo em consideração as mudadas condições sociais e culturais. Neste discernimento sois amparados pelos frutos

espirituais do *Jubileu somasco* de 2011-2012 que tanto bem fizeram e ainda fazem às vossas comunidades. Naquela significativa circunstância, na qual recordastes com gratidão o quinto centenário de fundação da vossa Ordem, o meu venerado predecessor **Bento XVI enviou-vos uma Mensagem** na qual vos exortava a seguir o exemplo luminoso de São Jerónimo Emiliani, «preocupando-se com todas as pobreza da nossa juventude, moral, física, existencial, e antes de tudo a pobreza de amor, raiz de todos os problemas humanos sérios» (20 de julho de 2011).

O ideal que moveu Jerónimo Emiliani foi a reforma da Igreja através das obras de caridade. O seu projeto era reformar primeiro a si mesmos na fidelidade ao Evangelho, depois a comunidade cristã e a sociedade civil, que não podem ignorar as crianças e os marginalizados mas devem socorrê-los e promover o seu desenvolvimento humano integral. Também eu vos encorajo a permanecer fiéis à inspiração e a «pôr-vos em saída» para ir ao encontro da humanidade ferida e descartada, com escolhas evangelicamente eficazes que nasçam da capacidade de olhar para o mundo e para a humanidade com os olhos de Cristo. A característica da vossa vocação é sobretudo o cuidado dos últimos, em particular dos órfãos e da juventude abandonada, segundo o método educativo do vosso Fundador, fortemente centrado na pessoa, na sua dignidade, no desenvolvimento das capacidades intelectuais e manuais. E falando de órfãos, há os novos «meio órfãos»: aqueles migrantes, jovens, crianças que chegam sozinhos às nossas terras e precisam de encontrar paternidade e maternidade. Gostaria de frisar o seguinte: nas barcas muitos viajam sozinhos e precisam disso. As vossas tarefas são estas e outras coisas.

Para prestar o vosso serviço ao Evangelho de maneira mais adequada às situações concretas de vida das pessoas, estais a elaborar novas maneiras de cumprir a vossa missão. Em particular, partindo da realidade atual da vossa Ordem, estais a fazer face à questão da sua fisionomia internacional e intercultural em relação ao serviço dos pobres e dos últimos. Encorajo-vos a estar atentos às diversas formas de marginalidade nas periferias geográficas e existenciais. Não tenhais medo de «*deixar os odres velhos*», enfrentando a transformação das estruturas onde isto resultar útil para um serviço mais evangélico e coerente com o carisma originário. As estruturas, em certos casos, dão uma falsa proteção e impedem o dinamismo da caridade e do serviço ao Reino de Deus. Gostaria de repetir isto: as estruturas, em certos casos, dão falsa proteção e impedem o dinamismo da caridade e do serviço ao Reino de Deus. Mas na base destes processos há sempre a experiência jubilosa do encontro com Cristo e da consagração a Ele, há a exigência radiosa da primazia de Deus e de nada antepor a Ele nem às «coisas» do Espírito, há o dom de manifestar a sua misericórdia e a sua ternura na vida fraterna e na missão.

A fim de prestar um serviço adequado no campo do mal-estar infantil e juvenil, tendes a oportunidade de responsabilizar os leigos somascos, para um compromisso mais consistente no âmbito social do carisma. Os direitos humanos, a tutela dos menores, os direitos da infância e da adolescência, a salvaguarda do trabalho infantil, a prevenção da exploração e do tráfico são questões que devem ser enfrentadas com a força libertadora do Evangelho e, ao mesmo tempo, com instrumentos concretos e com competências profissionais adequadas.

São Jerónimo Emiliani, contemporâneo de Lutero, viveu com sofrimento a dilaceração da unidade católica; cultivou e promoveu na Itália a reforma da Igreja, «*sua ardentíssima sede*», com as obras de caridade, a obediência aos Pastores, a contemplação de Cristo Crucificado e da sua misericórdia, o ensinamento catequético, a fidelidade aos Sacramentos, o culto da Eucaristia, o amor à Virgem Maria. O seu exemplo e a sua intercessão vos estimulem a consagrar as vossas forças ao anúncio da salvação em Cristo, a fim de que possa alcançar as pessoas e as comunidades das nações nas quais estais presentes e as suas tradições; progride assim a inculturação, condição necessária para que a Igreja se radique no mundo. Em particular, encorajo-vos a prosseguir ativamente o vosso trabalho de formação dos catequistas, dos animadores leigos e do clero. Hoje um dos perigos mais graves, mais fortes, na Igreja é o clericalismo. Trabalhai com os leigos, que eles levem por diante, tenham a coragem de ir em frente, e vós amparai-os e ajudai-os como sacerdotes, como religiosos. Este é um serviço muito precioso para as Igrejas locais, em comunhão com os Pastores e em união com toda a Igreja e com a sua tradição viva.

Também o diálogo ecuménico merece o vosso contributo. O caminho rumo à plena unidade é longo, exige a escuta paciente daquilo que o Espírito diz às Igrejas e, sobretudo hoje, às comunidades eclesiais na África e na Ásia, onde trabalhais com fervor apostólico. As colaborações possíveis entre todos os batizados e a busca de uma maior fidelidade ao único Senhor fazem diretamente parte da missão. O Senhor ampare os vossos esforços neste sentido.

Amados Irmãos, diante de vós tendes a tarefa de prosseguir e desenvolver a obra inspirada por Deus a São Jerónimo Emiliani, declarado pelo **Papa Pio XI** *Padroeiro universal dos órfãos e da juventude abandonada*. Um renovado fervor missionário vos estimule a dedicar-vos ao serviço do Reino de Deus através da educação dos jovens, para que cresçam firmes na fé, livres e responsáveis, corajosos no testemunho e generosos no serviço. Encorajo-vos a levar por diante o vosso caminho de seguimento e o vosso dinamismo apostólico, rico de numerosas obras e sempre aberto a novas expressões, segundo as necessidades mais urgentes da Igreja e da sociedade nos diversos tempos e lugares. Fiéis ao carisma do Instituto e unidos aos Pastores, continuareis a dar uma contribuição fecunda à missão evangelizadora da Igreja. Peço ao Espírito Santo, com a materna intercessão da Virgem Maria, que vos ilumine nos vossos trabalhos capitulares e concedo-vos de coração a Bênção Apostólica.

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PARTICIPANTES NO SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROMOVIDO PELO PONTIFÍCIO COMITÉ DAS CIÊNCIAS HISTÓRICAS COM O TEMA «LUTERO 500 ANOS DEPOIS. UMA RELEITURA DA REFORMA LUTERANA EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO ECLESIAL», Sala Clementina, sexta-feira, 31 de março de 2017

Queridos

Irmãos

Gentis Senhoras e Senhores

É com prazer que vos recebo e vos dirijo a minha cordial saudação. Agradeço ao Padre Bernard Ardura as suas palavras, com as quais resumiu o sentido deste vosso Congresso sobre Lutero e a sua reforma.

Confesso-vos que o meu primeiro sentimento perante esta louvável iniciativa do Pontifício Comité de Ciências históricas é um sentimento de *gratidão* a Deus, acompanhado também por uma certa *admiração*, ao pensar que não há muito tempo um congresso deste tipo teria sido totalmente impensável. Falar de Lutero, católicos e protestantes juntos, por iniciativa de um organismo da Santa Sé: deveras verificamos concretamente os frutos da ação do Espírito Santo, que ultrapassa qualquer barreira e transforma os conflitos em oportunidades de crescimento na comunhão. *Do conflito à comunhão* é precisamente o título do documento da Comissão Luterana-Católica Romana em vista da comemoração comum do quinto centenário do início da Reforma de Lutero.

Alegrei-me quando tomei conhecimento que esta comemoração ofereceu a estudiosos provenientes de várias instituições a oportunidade de *olhar juntos* para aqueles eventos. Aprofundamentos sérios sobre a figura de Lutero e a sua crítica contra a Igreja do seu tempo e o papado contribuem sem dúvida para superar aquele clima de desconfiança recíproca e de rivalidades que por demasiado tempo no passado caracterizou as relações entre católicos e protestantes. O estudo atento e rigoroso, livre de preconceitos e polémicas ideológicas, permite que as Igrejas, hoje em diálogo, possam discernir e assumir o que de positivo e legítimo houve na Reforma, e de se distanciar dos erros, exageros e falências, reconhecendo os pecados que tinham levado à divisão.

Estamos todos bem cientes de que o passado não pode ser mudado. Todavia, hoje, depois de cinquenta anos de diálogo ecuménico entre católicos e protestantes, é possível efetuar uma purificação da memória, que não consiste em realizar uma correção impraticável de quanto aconteceu há quinhentos anos, mas em «narrar esta história de forma diferente» (Comissão Luterana-Católica Romana para a unidade, *Do conflito à comunhão*, 17 de junho de 2013, 16), já sem vestígios daquele rancor pelas feridas sofridas que deforma a visão que temos uns dos outros. Hoje, como cristãos, somos todos chamados a libertar-nos dos preconceitos em relação à fé que os outros professam com uma ênfase e uma linguagem diferente, e a conceder-nos reciprocamente o perdão pelas culpas cometidas pelos nossos pais e a invocar juntos de Deus o dom da reconciliação e da unidade. Enquanto acompanho com a oração o vosso precioso trabalho de pesquisa histórica, invoco sobre todos vós a bênção de Deus onipotente e misericordioso. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Deus abençoe todos nós. Obrigado!
